

A Marca de uma Lágrima [Pedro Bandeira]

PEDRO BANDEIRA

A marca
de uma lágrima

OCIO IMPRESSÃO

Moderna

Com o amor no coração... e com a morte na alma.

Isabel se acha feia. Será mesmo? Feia ou não, ela é uma garota genial e acaba escrevendo lindos versos para ajudar o namoro de Rosana, sua melhor amiga, com Cristiano, seu grande amor.

A morte da diretora da escola — terá sido mesmo suicídio? — vem alterar sua vida e precipitar os acontecimentos. Isabel foi testemunha de uma cena muito suspeita e se sente ameaçada. A idéia da morte começa a tomar conta de seu cérebro, enquanto seu coração se despedaça pelo amor de Cristiano...

Coleção Veredas

EDITORA MODERNA

Coordenação editorial: Maristela Petrili de Almeida Leite

Preparação de texto: Angela Cristina da Silva Dias

Capa: foto de Eduardo Santaliestra

Composição: Linoart

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bandeira, Pedro, 1942-

B167m A marca de uma lagrima / Pedro Bandeira. — São Paulo : Moderna, 1986.

(Coleção veredas)

1. Literatura infanto-juvenil I. Título. II. Serie

86-0970

CDD-028.5

índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infanto-juvenil 028.5

2. Literatura juvenil 028.5

ISBN 85-16-00261-6

SUMÁRIO

I — *Paixão que nasce*

| | |
|--------------------------------------|----|
| 1. Uma gota de sangue | 3 |
| 2. Lindo como um deus | 6 |
| 3. Um domingo de espera | 11 |
| 4. A primeira marca..... | 14 |
| 5. Na escuridão do laboratório | 18 |
| 6. Um poema para Cristiano | 22 |
| 7. Só, com o inimigo | 29 |
| 8. A paixão e o tormento..... | 32 |
| 9. A segunda promessa | 36 |
| 10. Perdas de amor | 42 |

II — *Paixão que mata*

| | |
|----------------------------------|----|
| 11. Um pouco de veneno..... | 49 |
| 12. Da morte não sei o dia..... | 57 |
| 13. À sombra de um pesadelo..... | 61 |
| 14. A última carta | 69 |
| 15. Eu nunca te amei..... | 76 |
| 16. Não há salvação! | 83 |

III — *Paixão que ressuscita*

| | |
|-------------------------------------|----|
| 17. Eu sei que ele me ama..... | 92 |
| 18. Isso ninguém vai me tirar!..... | 98 |

I — *Paixão que nasce*

1 — Uma gota de sangue

Aquele era o seu pior inimigo. O mais cruel, o mais cínico, o mais sem piedade. Um inimigo que falava a verdade. Sempre. Sempre a verdade. Toda aquela verdade que Isabel conhecia muito bem e que nunca a abandonava.

Ainda com a escova de cabelo na mão, ela não podia deixar de encará-lo. Lá estava ele, encarando Isabel de volta, com os próprios olhos da menina. De um lado, eles estavam molhados. Do outro, refletiam-se gelados, vítreos, impiedosos.

— Feia...

Isabel sufocou um soluço.

— Gorducha...

Uma lágrima formou-se na pontinha da pálpebra.

— Que óculos horrorosos...

Como um bichinho que foge, a lágrima saiu da toca e foi esconder-se no aro dos óculos.

— Você plantou uma rosa no nariz, é?

— Cale a boca... por favor...

Já mais grossa, a lágrima livrou-se dos óculos e escorreu pelo rosto de Isabel.

— Sabe que essa rosa vai ficar amarela? Amarela e grande... A lágrima penetrou-lhe pelos lábios e Isabel reconheceu aquele gosto salgado, tão comum e tão amargo em momentos como aquele.

— Por favor... me deixe em paz...

— Você vai espremer a rosa amarela. O seu nariz vai inchar... Os lábios de Isabel apertaram-se, molhados, sem palavras. Aquela garota que sempre tinha resposta para tudo, sempre uma gozação na hora certa, uma tirada de gênio que deixava qualquer provocador sem graça, não sabia o que dizer quando seu grande inimigo apontava sadicamente cada ponto fraco que havia para apontar.

—... e você vai ter vergonha de voltar às aulas na semana que vem...

— Cale a boca!

A raiva foi tanta que a escova de cabelo voou com força, acertando o inimigo em cheio, bem na cara.

— Isabel! Venha cá. Morreu aí no banheiro, é?

A voz penetrou-lhe os ouvidos como uma campainha de despertador. A voz irritante da mãe. Estridente como uma campainha. Devia estar com enxaqueca, é claro. Na certa ia reclamar de alguma coisa, exigir que a filha respeitasse pelo menos sua dor de cabeça, queixar-se de...

O combate com o inimigo estava suspenso, por hora. Isabel sacudiu a cabeça, como se despertasse, e esfregou o rosto, apagando as marcas da luta.

Uma última olhada para o inimigo. Ele a olhou de volta, agora com uma rachadura de alto a baixo.

"Sete anos de azar!", pensou Isabel. "Ah, o que são sete, para quem já viveu quatorze dos anos mais azarados do mundo?"

— Isabel! — ainda mais irritada, a voz da mãe invadiu o banheiro. — Não me ouviu chamar?

"Quatorze anos de azar!" ainda pensava a menina ao abrir a porta. "Será que a minha mãe quebrou *dois* espelhos quando eu nasci?"

Com as mãos, a mãe apertava as têmporas, como se a cabeça fosse cair, se ela a largasse.

— Você sabe que eu não posso gritar, Isabel. Você devia...

— Está bem, mãe. O que você quer?

— Ai, ai. Tia Adelaide acabou de telefonar. È o aniversário do Cristiano e ela faz questão que você vá.

— Cristiano? Que Cristiano?

— O seu primo, ora. Não se lembra do Cristiano? Vocês brincavam tanto...

— Ah, mãe! Isso já faz um século...

— É, faz tempo mesmo. Também, Adelaide foi casar-se com um homem que não pára em nenhum lugar! Não sei o que tanto tem aquele sujeito de mudar-se de cidade. Mas parece que desta vez vai sossegar. Ele está bem de vida, agora. Montou uma casa que é uma beleza. Adelaide vai fazer uma festa para o Cristiano que...

— Que droga! Aniversário de criança!

— Cristiano faz dezesseis anos, Isabel.

— Eu não quero ir.

— Não discuta, Isabel. Minha cabeça está me matando...

— É claro que eu vou! — concordou Rosana, do outro lado da linha. — As férias estão no fim mesmo, e os programas andam raros. Acho até gozado: sempre sou eu quem tem de arrastar você para alguma festa. Você sempre arranja uma desculpa, tem sempre que estudar...

— Acontece que eu não quero ir sozinha, Rosana — desculpou-se Isabel, como se estivesse convidando a amiga para uma sessão de tortura. — Minha mãe exige que eu vá. È o aniversário do Cristiano, um primo que eu não vejo há anos. Dizem que sempre foi o melhor aluno da classe. Um chato! E o pior é que ele foi transferido para o nosso colégio. A partir de segunda-feira vou ter de conviver com o chatinho a vida inteira. Faltam só dois dias... A festa deve ser tão chata quanto ele. A gente fica só um pouquinho e...

— Já disse que vou, Isabel. Uma festa é uma festa. E esta não deve ser mais chata do que as outras...

Lá estava ele de novo. O inimigo, agora rachado de cima a baixo, dizendo para Isabel que ela ficava medonha com aquela blusa, que seu cabelo estava um lixo, que todo mundo ia rir dela na festa...

— Todos riam, não é? Só que eu nunca dou tempo para que riam de mim. Eles têm de rir do que eu digo. Têm de rir *comigo*, na hora que eu quero que eles riam. Todo mundo ri do que eu digo, não é? Isabel, a grande gozadora! Isabel, a contadora de casos. Vamos, riam todos com Isabel!

Levemente, seus dedos tocaram a face fria do inimigo, bem na rachadura. Lentamente, seus dedos percorreram a rachadura, tateando como um cego que procura reconhecer alguém.

— Todos riam... Mas eu não queria tantos risos. Eu queria um sorriso apenas. Um só. Queria estar quieta e ver alguém aproximar-se, olhando nos meus olhos... sorrindo... Eu sorriria de volta, e nada mais precisaria ser dito...

Isabel deixou as lágrimas correrem fartas pelo rosto. Foi aí que o inimigo resolveu feri-la mais fundo e cortou-lhe o dedo com a borda da rachadura. Num gesto maquinal, a menina levou o dedo à boca, chupando o ferimento. Na rachadura, no peito do inimigo, ficou uma gota de sangue.

O dedo não doía quase nada.
Era ali que doía.

2 - Lindo como um deus

Que cheiro bom, Rosana! Que perfume você está usando? — Deixe de besteira, Isabel. É o mesmo que o seu. Rosana estava linda, como sempre. Linda como de propósito para humilhar Isabel.

Era mesmo uma beleza a casa da tia Adelaide. O que não parecia uma beleza era a própria tia Adelaide. Recebia os convidados como se ela própria estivesse fazendo dezesseis anos. E o pior é que estava vestida como se fizesse dezesseis anos.

— Isabel! Há quanto tempo! Como você está crescida... Está uma mocinha perfeita!

"E a senhora *não* está uma mocinha perfeita!", pensou Isabel, enquanto aceitava os beijinhos da tia.

— E essa lindeza, quem é?

— É Rosana, minha amiga. Pensei que a senhora não se importaria se...

— Oh, mas é claro que eu não me importo! Você fez muito bem em trazê-la. Cristiano vai adorar mais uma menina bonita na festa. Mas entrem, entrem!

De fora, Isabel já podia ouvir o som ligado naquele volume *chega-de-papo*. Monotonamente, o surdo da bateria reboava como se dissesse:

— Não entre... não entre...

Isabel apertou a mão de Rosana e arrastou a amiga atrás da dona da casa.

As dimensões do salão perdiam-se nos cantos escurecidos pela iluminação precária, cheia de clarões piscantes, destinados a excitar os espíritos.

No meio do salão, corpos sacudiam-se ao ritmo de um som frenético, meio misturados numa massa multicolor que formava um bloco único, anônimo, como a representação de um inferno alegre, alucinante...

Tia Adelaide falava sem parar, apontava para todos os lados e ria muito, mas nenhum som humano poderia sobrepor-se àquela loucura.

— A senhora é mais ridícula do que eu esperava! — disse Isabel, rindo também pela oportunidade de acobertar a franqueza debaixo daquele som infernal.

— Hein?

— Eu disse que a senhora é ridícula!

— Desculpe, querida, mas eu não ouço nada com essa música... Da massa confusa de dançarinos, uma figura destacou-se.

Foi como se os mais ousados sonhos de Isabel tivessem tomado corpo e forma.

Corpo e forma de sonho.

O sonho dos sonhos de Isabel.

Ele se aproximou, com aquela luz maluca fazendo brilhar seus dentes e o branco de seus olhos.

E que dentes!

E que olhos!

Tia Adelaide ria mais ainda e apontava o rapaz, papagueando sempre. Pouco ou nada dava para entender, por mais que a tia berrasse. Mas Isabel praticamente adivinhou, praticamente leu nos lábios a palavra chave daquele discurso:

—... Cristiano... Cristiano! Aquele era Cristiano!

Na memória de Isabel, só havia o registro distante de um primo entre outros, talvez um daqueles moleques briguentos, que só pensavam em futebol. Mas o moleque tinha se transformado.

— Como é mesmo o nome daquele deus grego? — raciocinou Isabel em voz alta, acobertada pelo som da festa. — Dionísio? Apoio? Não importa. Vou chamá-lo "sonho"!

— Hein?

Tia Adelaide berrava para o filho e apontava as duas amigas. Cristiano disse alguma coisa, bem-humorado, e abraçou Rosana, apertadamente. Tia Adelaide sacudiu a cabeça várias vezes e indicou Isabel. O rapaz falou novamente, rindo sempre, e voltou-se para a garota certa.

Isabel sentiu-se enlaçada por aqueles braços, e o rosto do rapaz colou-se ao dela.

— Oi, prima. Como você ficou linda... — bem próxima ao ouvido de Isabel, a voz quente de Cristiano envolveu-a, claramente, distintamente, fazendo-a surda a qualquer outro som.

— Linda?! — sussurrou a menina, surpresa e enlevada. — Eu? Sou linda? Você disse que eu sou linda?

Mesmo colado a ela, Cristiano não entendeu o sussurro. E, como se fosse um confeitiro colocando uma cereja como um toque final de gênio sobre a torta mais apetitosa, o rapaz beijou o rosto de Isabel com força, fazendo estalar os lábios.

As luzes, as cores e o sangue de Isabel misturaram-se numa vertigem gostosa, e o ímpeto da menina foi fechar os olhos e colocar-se na pontinha dos pés, oferecendo os lábios a Cristiano.

Mas, em vez disso, o que fez foi rir alto, dizendo qualquer coisa, como se fosse a piada mais engraçada do mundo.

— Cristiano, era você que eu estava esperando a vida toda... Como se aquilo fosse um jogo, o rapaz falava também, rindo, sem entender nada do que ouvia.

— Sonho. O meu sonho. Você é o meu sonho feito homem... Ainda segurando os ombros de Isabel, Cristiano ria muito.

— Eu nasci para amar você, meu sonho...

Naquele instante, a fita chegou ao fim, e a palavra "sonho" ressoou claramente pelo salão.

— Hein? Sonho? O que você disse?

— Nada, primo...

Os acordes de uma música lenta, romântica, iniciaram uma nova seleção, preparada para secar o suor dos dançarinos. Isabel esperou novamente o calor do abraço de Cristiano, pronta a deslizar pelo salão ao seu comando, não importa aonde ele a guiasse. Ao infinito, talvez...

— E esta beleza aqui, quem é?

— Hã? Ah! É Rosana, minha amiga...

— Então vamos nos apresentar, Rosana.

E foi Rosana que aqueles braços envolveram e carregaram para misturar-se à nova massa que se formava, agora numa forma lenta, arfante.

Tia Adelaide já desaparecera. A música desta vez não encobria a voz, e foi num murmúrio que Isabel falou:

— Rosana, devolva o meu sonho...

Maquinalmente, tinha apanhado um copo de uma bandeja que alguém lhe estendera. O líquido estava amargo demais para um refrigerante e aquele já devia ser o terceiro copo que Isabel aceitava. Ou talvez fosse o quarto.

Tinha escapado silenciosamente pela porta-janela que dava para o jardim e agora estava na penumbra, sozinha, com seu copo, vendo de fora o grupo de dançarinos consumir, uma após outra, as músicas da seleção romântica. Com aquela iluminação, não era possível distinguir ninguém, mas Isabel via, em todos os casais, um só par de namorados.

A moldura da porta-janela era como uma tela de cinema. Sozinha, no escuro da platéia, Isabel assistia àquele filme, imaginando a história, criando cada fala, cada cena.

Interrompendo o filme, na tela iluminada surgiu uma silhueta que não fazia parte do enredo. A silhueta caminhou até ela.

— Oi. É uma festa particular? Por que não me convida?

A luz do salão iluminou o rosto do rapaz à sua frente, que a olhava nos olhos, sorrindo.

Isabel desviou o olhar e, por um momento, odiou aquele rapaz que vinha distraí-la em sua sentinela.

— Eu sou o Fernando. E você?

— Eu? Sou a ilusão...

— É um nome estranho para quem está sozinha. A ilusão nunca está sozinha...

— Pode me chamar de cretina, então. É o meu apelido.

— Cretino é aquele que crê em tudo o que ouve. Você acredita em tudo?

— Eu? Não. Só naquilo que me ilude.

— Acreditaria se eu dissesse que é a garota mais linda da festa?

— Não. Eu diria que você está me gozando. E o esbofetearia.

— Seria uma nova experiência ser esbofetado por uma ilusão.

— Ou por uma cretina...

— Você tem resposta pra tudo, não é?

— Não. Só pra gente que tem pergunta pra tudo.

Isabel entornou rapidamente o resto do copo e o líquido escorreu quente, queimando tudo por onde passava.

— Quer outro refrigerante? Vou buscar.

Fernando afastou-se e Isabel aproveitou para internar-se ainda mais no jardim, escondendo-se na sombra.

Pela porta-janela saía o vulto de um casal abraçado. Impossível reconhecê-los sob a pouca luz do jardim, mas Isabel adivinhou. Eram eles. Viu quando a moça ergueu o rosto e viu o rapaz envolvê-la num beijo longo, definitivo.

Dentro da cabeça de Isabel, os vapores da bebida explodiram, lançando fogo através de todas as veias e artérias. O mundo oscilou de repente, e a menina sentiu a terra úmida contra o rosto.

Não perdeu os sentidos, mas não conseguia mover-se. Tudo sentia, porém. Parece até que sentia mais do que nunca. Sentia a grama a picar-lhe o rosto e sentia os braços fortes que começavam a levantá-la.

— Cristiano... você veio...

Abraçou-se fortemente contra o peito que a amparava. O calor daquele corpo forte deu-lhe febre e seus lábios espremeram-se loucamente contra aquela pele quente, com cheiro de colônia. Uma correntinha roçou-lhe o rosto e ela ergueu a cabeça, oferecendo os lábios úmidos, ávidos, desesperados.

Uma boca maravilhosa colou-se à dela, enquanto a força daqueles braços a apertava com loucura. Sentiu-se morrer de felicidade e o mundo apagou-se com o nome adorado estourando em sua cabeça como um coro de anjos.

— Cristiano... meu amor...

3 — Um domingo de espera

Como eu fui idiota! Como eu *sou* idiota, fiquei escondida naquele jardim, como uma idiota, imaginando, como uma idiota, que Cristiano estava dançando com a Rosana a festa inteira.

Pobrezinho, vai ver ficou o tempo todo me procurando... até me encontrar no jardim, bêbada como uma idiota!

— Idiota... — xingou o inimigo rachado. — E se ele ficou mesmo com Rosana a festa inteira?

— Cale-se! E por que ele foi me procurar no jardim? Por que me beijou? Ah, eu posso morrer agora, mas aquele beijo ninguém vai tirar de mim!

Aquele beijo... Isabel ainda sentia os lábios queimando e as narinas embriagadas com aquele cheiro de sonho.

Tia Adelaide tinha se incumbido de levá-la para casa e Isabel acordara, naquele domingo, com enjôo de ressaca e gosto de Cristiano na boca.

A manhã começou mal, naturalmente, com a mãe piorando da enxaqueca e lamentando-se pelo que diriam os vizinhos ao ver sua filha — uma fedelha! — chegar em casa bêbada como uma porca.

— Ah, se seu pai fosse vivo, você ia ver o que ia lhe acontecer!

— Mas papai *está* vivo!

— Não. Para mim, ele está morto. Com aquela sujeitinha, para mim ele está morto!

— Mortos não mandam cheques, mamãe...

Tudo, afinal, tinha passado, menos a lembrança daquele beijo. Menos a lembrança de Cristiano. Pensou em telefonar para ele mas, se telefonasse, o que iria dizer? Na certa acabaria nervosa, fazendo alguma de suas gozações, e estragaria tudo. Não, tudo não. Não havia o que pudesse estragar o que tinha começado com aquele beijo. Aquele beijo fora um compromisso. Não por ter sido um beijo. Mas por ter sido um beijo como aquele.

Isabel tinha pressa. É claro que tinha pressa. Era preciso reencontrar Cristiano para não o largar nunca mais. Mas era domingo, dia-de-sair-com-papai. Esta era outra razão para esperar mais um dia, o dia que separava a descoberta do seu sonho e o reinício das aulas. O início de uma nova vida. Uma vida com Cristiano.

Pensou em escrever. Uma carta. Ou mais. Um texto onde ela poria de tudo, desde versos nascidos da paixão até pequenas confissões, como se ela quisesse pôr-se a limpo, exibir sua alma nua, preencher um passaporte para que Cristiano a tomasse, levasse embora e nunca mais a deixasse partir.

Escrever, ela sabia. No colégio, ninguém podia disputar com ela na hora de falar e de escrever. Ah, se pudesse, ela usaria aquele domingo apenas para pensar, para repassar cada momento daquele encontro estonteante, daquela felicidade imensa.

Os domingos, porém, não eram de Isabel, nem para escrever, nem para pensar. Os domingos eram de papai.

Quando a buzina soou, Isabel deu uma última olhada para o inimigo, mostrou-lhe a língua e foi ao encontro do pai de todos os domingos.

— Papai, você me acha linda?

O restaurante estava lotado, como acontece com os restaurantes aos domingos. Há quantos domingos, em quantos restaurantes Isabel já almoçara com o pai, desde que a "sujeitinha" o havia arrancado de casa? Talvez esse número não tivesse tanta importância, agora que a menina observava que, a cada domingo, caía a qualidade do restaurante.

Mas ainda era em dinheiro que o pai lhe falava todos os domingos, e era em dinheiro que ele estava falando quando foi surpreendido pela pergunta da filha.

— Hein? É claro que eu acho. Você é a princesa do papai. A garotinha mais linda do mundo!

— Ah, não. Como garotinha não, papai. Quero saber se você me acha uma *mulher* linda!

Isabel estava feliz como nunca, naquele domingo. Queria fazer algo de bom, algo grande, para dividir sua felicidade com alguém.

— Papai, eu quero conhecer a Lúcia.

Lúcia. A sujeitinha. Imagem de bruxa e megera inculcada em sua cabeça pelos lamentos da mãe. A mãe abandonada à sua enxaqueca e à pensão mensal que garantia à menina as refeições de todos os dias, mas que já estava comprometendo a qualidade dos almoços de domingo.

— A Lúcia? Mas você sempre se recusou a...

— Isso foi antes, papai. O antes acaba passando. Hoje eu me sinto diferente. Acho que quero fazer todas as pazes que puder. Vamos começar pela Lúcia?

O pai passou o guardanapo pelos lábios e pareceu subitamente interessado no exame do paliteiro.

— Sabe, Isabel... Eu estava esperando o momento certo para te contar... É que... eu não estou mais com a Lúcia...

"Não está mais com a sujeitinha?", pensou Isabel. "Então o serviço de informações da mamãe perdeu essa fofoca?"

— Talvez sua mãe tivesse razão... A Lúcia era... bem... Mas eu encontrei alguém realmente fora de série. O nome dela é Helena. Você vai adorar! Hoje, não é possível, porque ela foi visitar os pais, já que eu ia sair com você. Mas, no próximo domingo, eu vou...

Isabel pôs a mão sobre a mão do pai e sorriu:

— É melhor não fazer planos, papai. No domingo que vem, talvez não seja mais Helena. Pode ser Márcia, ou Cristina, ou...

— Isabel! Você não devia...

* * *

— Como será que papai encontrou essa Helena? E a Lúcia? E a mamãe? Será que pegou alguma delas bêbada, caída na grama de algum jardim? Será que tudo começou com um beijo? Um beijo como o de Cristiano?

À noite, abraçada ao travesseiro, um só nome ocupava todo o ser de Isabel.

— Cristiano...

Não conseguia lembrar-se do primo em meio às pálidas recordações dos garotos de sua infância. Teria sido aquele que se divertia batendo nos menores? Ou seria aquele outro que teimava em tirar sua calcinha?

— Quer tirar minha calcinha agora, Cristiano?

4 — A primeira marca

Oi, Isabel! Nem telefonei pra você ontem porque... — Rosana chegou na classe atrasada, como sempre. O professor já estava entrando, e Isabel só teve tempo para uma frase:

— Eu tenho uma coisa maravilhosa pra te contar, Rosana,..

— É? Eu também tenho uma novidade que vai fazer você cair dura, Isabel!

— Depois a gente fala.

Física! Uma matéria nova, como tudo deveria ser novo naquele início de curso colegial. Tinha jeito de matemática. Naquele momento, porém, o que Isabel precisava era de uma boa aula de literatura, com poemas de Fernando Pessoa, ou Vinícius, ou Eduardo Alves da Costa, ou João Cabral...

Cristiano, naquele momento, também estaria assistindo a sua primeira aula no segundo ano, e Isabel pensou em fingir que não entendia a tal da física para, mais tarde, tomar algumas aulas

particulares com ele. Sempre o primeiro da classe, não foi isso que lhe disseram? Mas não era sobre física que a menina gostaria de conversar com Cristiano. Ah, não era não!

A professora procurava conquistar a classe, fazendo-se simpática e engraçada. Simpática até que ela era, mas decididamente não era engraçada.

Distraída, Isabel deixava a caneta deslizar pelo caderno. Devia tomar notas, mas as palavras que lhe entravam pelos ouvidos chegavam totalmente transformadas às pontas de seus dedos.

—...a física estuda a relação que existe...

*Neste físico de um deus grego,
numa intensa relação,
eu, pálida e bêbada, tremo
e me afogo e me sufoco
entre loucura e paixão...*

—... entre a matéria e a energia...

*Quero fundir meu corpo
no teu corpo junto ao meu.
Nos teus braços serei cega
pra que sejas o meu guia.
Nós seremos a matéria,
nosso amor será a energia...*

—... a energia afeta a matéria...

*Se esse amor me modifica,
me transforma, me edifica,
se ele afeta tanto a mim,
também te transformará.
A energia desse amor
afetou-nos para sempre,
e a matéria que hoje somos
outra matéria será. .,*

—... e a matéria afeta a energia...

*Seremos dois novos amantes
pelo amor energizados,
transformados,
mas em quê?
Quem eras antes de mim?
Quem sou depois de você?*

—... esse processo de transformação é o objetivo.

*No meu seio serás meu
para o uso que eu quiser.
Nos teus braços me abandono,
ao teu lado sou mulher...*

O sinal veio interromper a aula e o poema. A aula seguinte seria de inglês, e a classe se dividiria, misturando-se a grupos de outras séries, de acordo com o nível de conhecimento de cada aluno. Isabel estudava inglês há tempos e, por isso, fora selecionada para a turma mais adiantada.

Pensou em entregar o poema a Cristiano. Destacou a folha do caderno e guardou-a cuidadosamente dentro do fichário. Nem assinou. Assinar para quê? Não havia duas pessoas no mundo que pudessem dizer o que estava dito naquele papel.

Acenou para Rosana, que no inglês ficara numa turma mais fraca, e correu para a sala, pretendendo conseguir um lugar bem no fundo, onde pudesse recolher-se à sua idéia fixa. A idéia maravilhosa de Cristiano.

Cristiano!

Foi a primeira imagem, em carne e fascinação, que surgiu diante dos olhos de Isabel. Cristiano sorriu lindo, lindo sorriso, lindo Cristiano, e a menina vacilou por um momento.

Pronto. Estava sentada na primeira carteira, longe de Cristiano e ao alcance da respiração do professor de inglês.

Tonta! Agora nem podia olhar para Cristiano sem chamar a atenção. Mas ele estaria olhando para ela. O tempo todo. Até podia sentir o calor daquele olhar em sua nuca. Cerrou os olhos e recebeu a atenção de Cristiano como se fosse um beijo. Um beijo suave, longo e quente. Um beijo de Cristiano.

— I think we could begin by reviewing the defective verbs. Of course, during the holidays you forgot most of your English, didn't you?

À frente de Isabel, o professor iniciou a aula, falando com aquele mesmo tom amistoso de todo início de ano letivo. Em poucos dias, ele, na certa, estaria aos gritos, pedindo silêncio em português.

Por cima do ombro de Isabel, a mão de um colega passou-lhe furtivamente um papelzinho dobrado. Com todo o cuidado, para que o professor não notasse, a menina desdobrou o papel no colo, por baixo da carteira. Foi como se um anjo tivesse surgido de camisola azul e trombeta de ouro para anunciar-lhe o paraíso.

Priminha querida, preciso muito falar com você. Onde poderemos conversar sossegados? Te adoro! Cristiano.

— It's easy, isn't it? But you mustn't forget that there's no rule to help you use those verbs...

"Ele quer falar comigo... comigo!", pensou a menina, sentindo-se quase febril. Rabiscou rapidamente quatro palavras — *me encontre no laboratório* — em uma folha de caderno, dobrou-a e passou para o colega de trás.

— You must practise, in order to know which tense has to be employed without the need of...

A torrente de palavras estrangeiras perdeu o sentido para Isabel, enquanto as palavras de Cristiano penetravam-lhe como se fossem vírus caindo em suas veias, misturando-se ao seu sangue e indo infectar-lhe o coração.

"Neste momento, ele deve estar igualzinho a mim, pensando em mim... Vamos pensar juntos, um no outro, Cristiano. Será como se estivéssemos de mãos dadas.

Num repente, Isabel baixou a cabeça e beijou o bilhete. Ao olhar novamente para aquela letra apressada, notou que uma marca redondinha tinha acabado de borrar a palavra *adoro*. Era a marca de uma lágrima. De felicidade.

— Eu também te adoro, meu amor... — balbuciou ela, apertando o bilhete contra o peito.

5 Na escuridão do laboratório

Senhorita Ilusão! Que ótimo reencontrar você! O sinal para o recreio tinha acabado de soar, e Isabel correria em direção ao laboratório. Mas, no meio do corredor, a figura de um rapaz a deteve, sorrindo e olhando-a bem de frente, bem nos olhos.

— Hein?

— Não se lembra de mim, senhorita Ilusão? A testa de sábado, o aniversário de Cristiano... Sou o Fernando, lembra?

— Oi, Fernando. Desculpe, mas...

— Quer dizer que você estuda aqui? Que sorte! Acabo de me transferir para o terceiro ano e talvez...

— Desculpe, Fernando. Estou com uma pressa danada. Depois a gente conversa, tá?

— É... dizem que a ilusão é como uma ave que vem e vai. Só que eu não gostaria de perder a ilusão, entende?

— Tchau, Fernando...

Isabel certificou-se de que não havia ninguém olhando e entrou silenciosamente no laboratório. Fechou a porta sem um ruído e esperou que a visão se acostumassem ao escuro. As janelas do laboratório eram cobertas com cortinas pesadas para proteger da luz os produtos químicos. Um lugar ideal para um encontro de namorados.

Aos poucos, com a fraca luz que se filtrava através das cortinas, Isabel pôde perceber as estantes envidraçadas, cheia de frascos contendo formas assustadoras conservadas em formol. Uma enorme cascavel, com seus guizos, flutuava num líquido avermelhado por seu próprio sangue. Ao lado, uma caranguejeira peluda movia-se lentamente numa gaiola de vidro.

A cobra, a aranha, o sangue... Um calafrio percorreu a espinha de Isabel e, por um momento, a menina duvidou que aquele fosse um lugar adequado para o início do seu namoro. Por um momento, teve medo do encontro com Cristiano. Mas o temor transformou-se em ansiedade quando percebeu o ruído suave da porta que se abria.

— Priminha! Oi, priminha! Você está aí?

Acobertada pela penumbra, Isabel sorriu e deixou passar um tempo de suspense, antes de responder com a voz mais suave que conseguiu fazer:

— Estou aqui, meu querido...

Cristiano guiou-se pela voz e veio abraçar Isabel apertado, como da primeira vez. E, como da primeira vez, beijou-lhe o rosto com um estalo.

— Priminha querida! Foram os anjos que me fizeram reencontrar você!

"Claro! Os anjos sempre ajudam os semelhantes, meu querido...", pensou Isabel, sem vergonha de sorrir embevecida, porque a penumbra era um disfarce perfeito. Era mais. Era uma fantasia.

— Há quanto tempo não nos vemos, priminha... Desde crianças. Mudamos muito, não é verdade?

"Você foi a lagarta que virou borboleta, meu amor...", pensou Isabel.

— Você ficou uma lindeza...

"Vem, borboleta, vem cá depressa, asas douradas, me carregar. Vem, vamos juntos, num céu sem túneis, buscar caminhos só de nós dois...", num turbilhão, os pensamentos explodiam em versos dentro da cabeça de Isabel.

— Tanto tempo... mas eu nunca me esqueci de você... "Catar o pólen, fazer a cera, colher futuros, mexer o mel. Deixar passados, erguer castelos, juntar o antes com o depois... Droga! Isso não é hora de fazer poesia. É hora de *viver* poesia!"

— Me lembro muito bem... você ficava uma gracinha de óculos!

"Tolinho! Eu não usava óculos quando era criança...", riu-se Isabel por dentro.

— Eu me lembro... suas trancinhas... "Ah, Cristiano... eu nunca tive trancas..."

— Como foi bom reencontrar você, priminha... Isso mudou a minha vida...

"A minha também, meu amor..."

— Era isso que eu queria falar com você, Isabel... Nem sei como começar...

"Me abrace, meu querido, me abrace que eu espero a vida inteira..."

— Isabel, eu estou apaixonado... "Por mim, boneco, pela sua Isabel..."

— Nem sei dizer... já houve outras garotas, mas, agora... "Agora sou eu, Cristiano. Meu Cristiano!"

— Agora é diferente. Eu sei que é amor... "Por mim..."

— Nunca me senti desse modo. Por isso eu sei que só pode ser amor...

"Por mim..."

— Estou apaixonado... "Por mim, Cristiano!"

— Por Rosana, Isabel...

A aranha encolheu-se na gaiola de vidro e a escuridão do laboratório pareceu crescer, como se tivesse anoitecido subitamente, apagando a imagem de Cristiano, arrancando Cristiano do alcance de Isabel.

"Rosana? Ele ama Rosana? E eu, meu amor, e eu?"

— Ah, priminha, como foi maravilhoso você ter levado Rosana à festa. Rosana é linda... é assim como... eu caí por ela na hora... ela é... nem sei como dizer... Se você soubesse quanto me fez feliz...

"Ah, Cristiano, se você soubesse quanto me destruiu..."

— Quero que você seja a madrinha do nosso namoro, Isabel. Quero dividir nossa felicidade com você.

"Cristiano, não faça isso comigo. Me acuda, me salve, Cristiano...", sem poder explodir em protestos, o pensamento de Isabel caía de joelhos.

— Você vai ajudar o nosso amor, priminha. Eu lhe peço que... eu lhe peço que fale com Rosana e combine um encontro para amanhã à tarde. Você me ajuda? Vamos, priminha, prometa que vai nos ajudar!

— Eu? sim... é claro, primo. Eu... eu prometo...

— Isso, priminha! Diga a Rosana que eu vou esperá-la às quatro, em frente do cinema, na esquina da...

— Um cinema? É que a mãe da Rosana é tão...

— Diga que vocês vão juntas ao cinema, priminha. Por favor, eu estou voando de felicidade. Me ajude!

"E eu estou afundando, Cristiano, estou me afogando... me acuda... me salve, meu amor...", pediu a menina em pensamento.

— Você prometeu, Isabel.

— É claro, Cristiano, eu prometi...

— Posso contar com você?

— Pode contar comigo...

— Eu te adoro, priminha!

Isabel abaixou a cabeça na hora de ganhar o beijo estalado, prêmio de consolação para a cretina que acreditava na ilusão. Assim, o beijo marcou-lhe a testa e Cristiano não sentiu o gosto salgado dos filetes de derrota que escorriam pelo rosto da menina.

"Cristiano, não era essa adoração que eu queria... Eu queria o seu amor, eu queria você, Cristiano... meu amor..."

Isabel ficou só, com a escuridão que tomava conta do seu ser.

Tirou os óculos molhados e encolheu-se, desejando que uma concha se fechasse em torno de si e a levasse para um mar distante, escondendo o desespero sob toneladas de águas salgadas como lágrimas.

"O que aconteceu? Como isso foi acontecer? Cristiano, você não podia fazer isso comigo... Não me mate, meu amor... não mate o meu amor... Com a Rosana? Logo com a Rosana, minha melhor... Não, com a Rosana, não, com outra garota, não, Cristiano... Me ame, por favor... Me ame como eu te amo, meu amor... Por que você não pode me amar? Se eu te amo tanto... Ninguém poderá te querer como eu, Cristiano, minha paixão, meu primo, minha vida... Por que você me beijou daquele jeito? Por que tanto, Cristiano? Por que eu estava ali, à mão? Nada disso, não pode ter sido só por isso. Aquele beijo era de verdade, Cristiano, eu *senti* que era de verdade... eu *ainda sinto*, meu Cristiano..."

O ruído suave da porta fez Isabel emergir do desespero. Seria ele? De volta? De volta para contar que tudo não passara de uma brincadeira? Que Rosana não importava e que era ela, Isabel, que ele amava?

Mas, mesmo na penumbra, mesmo sem óculos, mesmo com os olhos afogados pela desilusão, dava para perceber que o vulto estava de branco. Talvez o guarda-pó do encarregado do laboratório.

Isabel encolheu-se mais ainda, fundindo-se às sombras. Não! Ninguém podia vê-la naquele estado. Não! A não ser o seu grande inimigo, ninguém, jamais, a vira num estado como aquele.

O vulto aproximou-se de uma das estantes. Pegou um frasco, tirou algo de dentro, guardou-o e saiu rapidamente do laboratório.

Quando a campainha soou, anunciando o final do recreio, Isabel secou o rosto e pôs-se de pé, já de óculos, aproximou-se e leu distraidamente o rótulo do frasco que o vulto de branco pegara:

Linamarina...

"Isso tem nome de mulher. Lina e Marina. Duas mulheres... O que será isso? Será que é costume esfacelar os sonhos de garotas apaixonadas e guardar aqui o pozinho que sobra? Daqui a pouco, acho que vai haver um novo frasco com o rótulo ISABEL".... Glicosídeo cianonitrila.

"Química! Uma ciência de palavrões. Bem, vou aprender todos eles antes que o ano termine. Chega de palavras carinhosas."

Enxugou-se melhor, arrumou a roupa, o cabelo e decidiu-se:

"Vamos lá, Isabel. Vamos rir e fazer os outros rirem. Como sempre. Ninguém tem nada com a sua vida, Isabel. Nem com a sua morte. Eu prometi. Agora vou cumprir minha promessa. Vamos, cretina! Vamos ajudar a liquidar a sua própria ilusão!"

Isabel já estava calma quando saiu do laboratório. Mas, dentro da gaiola de vidro, a aranha peluda sacudia-se loucamente.

6 — Um poema para Cristiano

Isabel! Onde você andou? Procurei por você o recreio inteiro! — Rosana parecia aflita e havia pouco tempo para conversar antes da aula de português. — Seu rosto está vermelho... O que houve?

— Nada... acho que estou resfriada, Rosana. Na saída, eu vou com você até o ponto de ônibus. Tenho uma coisa pra te contar que vai deixar você muito feliz.

— E eu também. Já não te disse que...

A fama do professor de português do colegial era de assustar. Diziam que ele era severíssimo. Na certa aquela severidade não devia ser semelhante à do Brucutu, o terrível bedel-chefe. O professor seria daqueles exigentes, para quem um erro de concordância era tão grave quanto empurrar escada abaixo a cadeira de rodas de uma velhinha paralítica.

Rosana estava ao lado de Isabel e, afora a vermelhidão, que já desaparecia, era impossível notar qualquer indício de tristeza na fisionomia da menina. Ninguém saberia do vulcão que lhe queimava as entranhas, da vontade de gritar, de procurar alguém com quem pudesse dividir desolação. Mas ela havia prometido. Era a *segura-vela*, era o cupido do encontro entre o seu grande amor e sua melhor amiga. Mas ninguém saberia de nada.

"Será que alguém já passou por isso?", pensou a menina.

Redação. O forte de Isabel. Se somasse todas as médias de redação de seus oito anos de estudante, daria quase oitenta. O professor, falava sério, mas mansamente. Propôs que todos fizessem um texto, tema livre, de aquecimento.

Isabel olhou de lado para Rosana. E o que viu foi pavor. Ambas sabiam que a tal redação de *aquecimento* era o modo mais rápido de o professor conhecer as possibilidades de cada aluno. Seria a primeira impressão, que definiria o aluno no conceito do professor. Como modificar depois uma primeira impressão desastrosa?

A menina sabia que *desastre* era uma definição adequada para as redações de Rosana. Sorriu para dar confiança à amiga e pôs-se a escrever furiosamente. Em dez minutos, passou a folha de papel discretamente para Rosana.

— Pegue. Copie com sua letra.

Bem, a redação de Rosana já estava pronta. A amiga estava salva de se ver queimada com o professor logo no primeiro dia de aula. Agora, era a sua vez.

O tema era livre. Mas, que outro tema poderia passar pela cabeça de Isabel, senão a figura idolatrada de Cristiano? E ela estaria disposta a confessar no papel tudo o que sua expressão escondia?

"Idiota que fui. Pensar que Cristiano pudesse se apaixonar por mim, por mim, a gorducha...

Os pensamentos queimavam Isabel por dentro, e ela escreveu:

Quando você me beijou...

"Pensar que Cristiano poderia ler nos meus olhos, através dos óculos, e enxergar lá dentro toda a paixão da gorducha iludida..."

Maquinalmente, escrevia sempre a mesma frase:

Quando você me beijou...

"Apaixonar-se pela desengonçada, pela feiosa piadista... Ah, que piada! Com o rostinho de Rosana à frente... com o corpinho de Rosana nos braços... nem pensar!"

Quando você me beijou...

"Burra! O que Cristiano poderia encontrar em mim? A espinha amarela no nariz, como um aríete de pus abrindo caminho rumo à solidão?"

Quando você me beijou...

"O que ele veria? O que todos vêem, além da gorducha iludida, da feiosa cretina? Fernando tem razão. Eu acredito em tudo, como uma cretina. Acreditei até que Cristiano poderia me amar. Cretina! Acreditei até naquele beijo..."

Quando você me beijou...

"Cristiano... "

Vinda do fundo de seu desespero, uma lágrima solitária pingou sobre o papel.

— Isabel! Quem é Isabel? — o professor tinha dado por encerrada a redação.

— Sou eu.

O professor aproximou-se da menina com uma expressão que, com algum esforço, poderia ser chamada de sorriso.

— Meu colega da oitava série elogiou muito seus textos, Isabel.

Quero começar por ele. Pode entregá-lo para mim?

A folha de redação passou para as mãos do professor e o arremedo de sorriso desapareceu na hora.

— O que é isto? Há apenas a mesma frase escrita várias vezes!

— É um poema concreto, professor. Assim como "Uma pedra é uma pedra", do Carlos Drummond de Andrade. O leitor deve completar o poema de acordo com suas próprias experiências, de acordo com suas lembranças de um beijo de amor...

Risadinhas discretas fizeram o professor erguer um olhar duro, controlador, para toda a classe.

— Uma explicação hábil. Hábil e espirituosa, Isabel. Mas que não passa de uma saída para desculpar a preguiça. A preguiça e a falta de respeito... E isto? Que marquinha redonda é esta?

— Faz parte do poema, professor. É o cuspe do namorado... Desta vez a gargalhada não foi contida e o olhar do professor, surpreso, não conseguiu transmitir autoridade. Tinha perdido o controle de uma classe pela primeira vez na vida.

— Começamos bem, não é, dona Isabel? Mas temos um ano inteiro pela frente. Que tal abrir o boletim com um zero?

Isabel sorriu.

— Vamos ver se esta classe vai me dar trabalho. Você, mocinha, como é o seu nome?

— Eu? Rosana...

— Posso ver a sua redação, Rosana? Hum... A estrutura não está má... a idéia é forte... breve, mas forte... tem um ritmo que... Parece que me informaram errado. Quem sabe escrever nesta classe chama-se Rosana...

A redação de Rosana ganhou oito. Nove o professor só dava para ele mesmo, e dez, só para Deus.

— Ah, menina, que judiação! Estou morrendo de remorso. Eu tirei oito com a redação que você fez, e você tirou zero!

— Não esquente a cabeça, Rosana. Eu dou um jeito naquele professor, pode crer. Na próxima, ele vai ter de me chamar de Deus e me dar um dez.

— Puxa, oito em redação! Nunca tirei isso. Uma nota oito vezes maior que a sua, para duas redações feitas pela mesma pessoa...

— Além de redação, acho que você vai ter de rever a sua matemática, Rosana. Oito vezes zero dá zero mesmo.

As duas riram-se e Isabel passou o braço pelos ombros de Rosana. Quem visse as duas, assim abraçadas, assim sorrindo, teria uma imagem falsa daquela felicidade. Uma das duas mentia ao sorrir. Mas mentia como um mestre.

— Acho que nunca vou poder pagar tudo o que devo a você, Isabel. E não estou falando de redação. Estou falando de amor...

— Para mim, escrever também é um ato de amor, Rosana. Quem escreve ama aquele que vai ler, quer conquistar o amor daquele que vai ler.

"Só que Cristiano nunca lera o que eu escrevi para ele. Nunca saberá do meu amor. Não há esperança", pensava ela atrás do sorriso.

— Você é muito adulta, Isabel. Adulta demais...

— É que eu tenho sessenta anos, Rosana. Mas sou conservada. Agora deixe de bobagem e continue com o amor e suas dívidas... ou dúvidas, sei lá.

— Nada de dúvidas! Eu estou apaixonada *mesmo*. Gamada, caída! A melhor coisa que aconteceu na minha vida foi você ter me convidado para aquela festa. Conhecer Cristiano foi...

Com a expressão mais interessada do mundo, Isabel ouviu o relato da amiga. Lá estavam no ponto do ônibus, cheio de gente, e Rosana falava baixo, como segredo, como culpa, como num confessionário. Descrevia cada passo daquela noite inesquecível, cada dança, a pressão do rosto de Cristiano junto ao seu, as palavras sussurradas ao ouvido.

O único segredo que faltava era Cristiano debruçando-se sobre Isabel no jardim. O único segredo que faltava era aquele beijo. Mas Rosana nunca deveria saber disso. Por que estragar-lhe a felicidade? Bastava que uma das duas fosse infeliz.

— Nos braços dele, eu...

Dentro de Isabel, por trás do sorriso interessado, a descrição feita por Rosana ganhava mais detalhes, cheios de calor, de cheiros, de cobras, de contatos, de aranhas peludas...

— Meu único medo, Isabel, é que, para ele, eu não tenha passado de um presente de aniversário, de diversão para uma noite. Mas eu quero aquele garoto! Nem sei o que ele pensa de mim, mas é ele que eu amo. *Preciso* me encontrar novamente com ele!

— Que tal amanhã, às quatro horas, em frente ao cinema, na esquina da...

— O quê?! De que você está falando?

— Bobinha! Eu não disse que tinha uma novidade que ia fazer você cair para trás? Pois esta é a novidade.

— Você... você falou com Cristiano? Sobre *mim*?

— É claro que falei. Nós somos primos, não somos? Somos confidentes...

— O que foi que ele disse? O que foi que ele disse, Isabel?

Isabel sorriu, gozando carinhosamente a ansiedade de Rosana.

— Hum... mais ou menos o que diria Abelardo sobre Heloísa...

— Isso foi numa novela? Não assisti...

— Ah, Rosana, isso não é novela de televisão...

— O que ele *disse*, Isabel?

— Acho que você vai preferir que ele repita tudo pessoalmente, não vai? O importante é que ele quer encontrar-se com você. No cinema. Amanhã às...

— Ai, ai, ai! A minha mãe...

— Diga que você vai ao cinema comigo. Passo na sua casa lá pelas três e meia. Eu tenho mesmo de dar um pulo numa livraria. Na saída do cinema nos encontramos e voltamos juntas.

— Você é um amor, Isabel. Não sei o que eu faria sem você. Amanhã de manhã, no colégio, diga ao Cristiano que...

— Eu? Não acha melhor você mesma dizer?

— Não sei se poderia, Isabel. Quando eu o encontrar, vou ficar muda como uma porta!

— Então escreva um bilhete. Basta sorrir e colocar o bilhete na mão dele.

— Eu bem que gostaria. Ah, se eu pudesse, eu colocaria nesse bilhete tanta coisa, como se... como se...

— Como se o bilhete fosse um buraco de fechadura através do qual Cristiano pudesse conhecê-la melhor por dentro.

— É isso! Você sempre diz as coisas certas, Isabel.

"Eu também tenho um buraco de fechadura, Rosana. Mas Cristiano quer espiar pelo seu..."

— Comigo é diferente. Eu sou burrinha, Isabel. Cristiano haveria de rir de um bilhete escrito por mim. Logo ele, que sempre foi o primeiro da classe. Não é isso o que dizem?

— Pelo menos foi isso que a mãe dele disse para a minha.

— Eu não posso bancar a burra com ele, Isabel. O que eu vou fazer? Por favor, me ajude!

— Como hoje, na aula de redação?

Lentamente, Isabel abriu o fichário. Lá estava a folha, com o poema feito na aula de física:

Nos teus braços me abandono,

ao teu lado sou mulher...

"Você vai receber o meu poema, Cristiano..."

— Aqui está, Rosana. Um texto de meu estoque. É só copiar com sua letra e colocar seu nome. Tudo o que você quer dizer ao Cristiano está aí.

Rosana pegou a folha, meio em dúvida.

— Como pode ser? Eu... nem sei o que dizer...

"Você *nunca* sabe o que dizer, minha querida..." , em pensamento, Isabel gozava a amiga.

— Pode deixar que eu digo por você.

— Mas... será que o que está escrito aqui serve para o Cristiano?

— Como uma luva.

O ônibus encostou naquele momento e começou a engolir a fila de estudantes.

— Obrigada, Isabel. Você é demais!

— Corra, se não, você perde o ônibus.

— Passe na minha casa às três, não quero me atrasar.

— Tchau, Rosana.

A menina ficou vendo o ônibus se distanciar, levando sua amiga, sua rival, e a declaração de seu amor, de seu carinho, que serviria para aumentar ainda mais a paixão de Cristiano por Rosana.

"O condenado à forca prepara sua própria corda..." e o pensamento de Isabel oscilava entre a resignação e o desespero.

De uma janela do ônibus, a carinha de Rosana surgiu, jogando um beijo para a amiga:

— Eu te adoro, Isabel!

Isabel sorriu e devolveu o beijo. Agora não havia ninguém olhando. A menina deixou correrem as lágrimas represadas por seu orgulho.

"Todos me adoram... E quem *me ama*?"

7 — Só, com o inimigo

— Alô...

— Senhorita Ilusão?

— Ah, é você, Fernando...

— Puxa, que voz mais desanimada! Acho que eu merecia um pouco mais de entusiasmo por ter ficado a manhã inteira procurando minha ilusão. Onde você se escondeu?

— Acho que você não tem nada com isso, Fernando.

— Isso é o que se pode chamar de um *fora*. Só que eu sou surdo à palavra *não*. Eu insisto até ouvir o *sim* que eu quero ouvir.

— Olhe, eu perdô a sua insistência se...

— Não quero que você perdoe. Quero que você a aceite!

— Desculpe, Fernando, é que hoje eu não...

— Como fazer para dobrar você, Isabel?

— Você já sabe o meu nome?

— Sei muito mais. Sei que você está triste e sei também que você está com a tristeza errada.

— Como sabe disso?

— Certas coisas não se precisa saber. Basta sentir.

— Pois você sente errado. E não tem nada que se meter comigo. Me deixe, tá legal? Me esqueça!

— Eu nunca vou esquecer daquela noite, naquele jardim...

— Tchau, Fernando.

O fone já estava longe do ouvido de Isabel, pronto para ser violentamente desligado, e a menina não pôde ouvir a última frase de Fernando:

— Eu quero você, menina malcriada!

— Como é? Será que a feiosa, que a gorducha, vai aprender a lição?

A menina encontrou o inimigo especialmente cruel. A rachadura partia-lhe o rosto em dois, deformava-o, agravando e justificando a crueldade.

— Então você acha que Cristiano ia olhar para você com olhos diferentes daqueles com que se olha a priminha gorducha e de óculos? Priminha...

Isabel estava sem defesa. Dizer o quê? Defender-se como, se, naquele momento, tudo o que ela desejava era nunca ter nascido?

— A grande escritora! A grande poeta que cria versos de amor para ajudar a rival a roubar-lhe o namorado! Burra... Trouxa... Vamos! Diga que ama Cristiano. Diga-o com as palavras mais fortes, use os termos mais sinceros, arrebente a alma no papel! Quanto melhor você fizer, mais Cristiano vai ficar apaixonado... por Rosana!

Sobre a pequena mesa de trabalho, lá estava mais uma carta. Mais um ofertório da própria vida de Isabel para Cristiano. Ela se punha em suas mãos, mas seria Rosana que Cristiano iria abraçar.

Ao lado da carta, uma pilha dos seus livros preferidos. Paul Valéry, Vinícius, Ferreira Gullar, Garcia Lorca, Pablo Neruda... Quantos amores já haviam sido conquistados com as palavras daqueles poetas? Será que eles também sentiam o mesmo desespero que ela? O mesmo ciúme? A mesma vontade de morrer?

Impossível sentir tanto ciúme e tanto desespero por tantos amores desconhecidos. O seu caso era diferente. Só havia *um* namorado a conquistar. E ela o estava conquistando... para outra!

Despiu-se lentamente. Abriu o chuveiro e deixou que a água morna corresse farta por todo o corpo, na esperança talvez de lavá-lo por dentro, limpando aquela tristeza tão imensa.

Enxugou-se em frente do inimigo, sem vergonha do que ele pudesse dizer. Amanhã, no cinema, Cristiano estaria lendo a carta, apaixonando-se ainda mais por Rosana, distanciando cada vez mais a esperança de, um dia, prestar maior atenção a Isabel. Isabel, a priminha gorducha, a amiga feiosa, a escritora de óculos, o cupido de espinha no nariz.

Aproximou-se do inimigo rachado, disposta a eliminar pelo menos a espinha. Mas ela não fora muito grande e já havia secado. Tateou o rosto em busca de outra. Era tão feio assim aquele rosto? Tão repulsivo que um garoto como Cristiano não podia encontrar nada nele que o atraísse? E aquele corpo? Estava mesmo gordo? Não tinha aquelas curvas, aquelas saboneteiras, aquela penugem sensível à carícia em sentido contrário, como dizia Vinicius de Moraes? Não seriam atraentes aqueles pequeninos seios que muito bem poderiam ter servido de fôrma para taças de champanhe?

"Vem, Cristiano, tomar do meu champanhe... Vem me buscar inteirinha, Cristiano..."

Naquele momento, talvez Rosana estivesse pensando no mesmo rapaz com a mesma intensidade. Isabel sentiu como se estivesse traindo a amiga, ambas partilhando o mesmo leito com o mesmo sonho, a mesma paixão, a mesma entrega.

Ah, aquele beijo, naquele jardim... Teria sido a escuridão a benfeitora que transformara sua feiúra em fascinação e permitira que, por um instante, Cristiano se sentisse atraído por ela?

Aquele beijo.. , a pele cheirosa daquele peito de sonho em seus lábios... a correntinha a roçar-lhe o rosto... o hálito acariciante se aproximando... os lábios quentes procurando a umidade dos seus...

Ah, bendita penumbra que lhe permitiria, ao menos uma vez, a ventura de abandonar-se naqueles braços adorados!

Depois, porém, com a mesma penumbra, no laboratório, tudo tinha sido diferente. Só houvera decepção, dor, catástrofe.

"Ah, Cristiano amado, por que não me tomou novamente, como sua boneca, naquele laboratório gelado, no meio das formas mumificadas, do formol, no meio dos ácidos e das fórmulas, das cobras e das aranhas? Da Linamarina? No meio da Linamarina, do pó branco dos sonhos destruídos, das garotas presas em frascos, da Lina e da Marina, da Linaisabel, da Isabelmarina, da Linaranja, Marinaranha, aranhaisabel, cobracristiano, aranha e cobra... Ai, cobra e aranha, aranha e cobra, a aranha quer a cobra, a cobra busca a aranha, a aranha se debate na gaiola de vidro, vai quebrar-se o vidro, já vem vindo a cobra, vem, Cristiano, me abraça, me enlaça, me arregaça, me enleia, tateia, procura, me aperta, me pega, me toma, te amo, sou sua, estou nua, te quero, te pego, te levo comigo, me leva contigo, me faz viver, me faz feliz, me faz mulher! Ah, Cristianooooo... Ahhh..."

8 — A paixão e o tormento

— Ai, menina, como estou nervosa! Será que ele vem mesmo? — Chegamos muito cedo, Rosana. É claro que ele vem. Em frente do cinema, Isabel sorria, tentando acalmar a ansiedade da amiga.

— Ainda faltam dez minutos...

— O meu cabelo está bom? Você acha que esta blusa combina?

— Você está linda, Rosana. Agora pare de bancar a criancinha.

— Ah, Isabel, você devia ter visto a cara do Cristiano quando ele leu o poema...

— É? Ele disse alguma coisa?

— Não. Ele não disse uma palavra. Sorriu, e foi como...

— E foi como se o sorriso improvisasse uma resposta de amor...

— Hum? Acho que foi isso mesmo. Ele é inteligente até calado! No meio da pequena multidão que atravessava a avenida, Isabel reconheceu alguém.

— Tchau, Rosana, aí vem Cristiano. Se você ficar nervosa, sem saber o que dizer, entregue esta carta para ele.

— Outra carta? Mas a letra não é...

— Não se preocupe. Eu sei imitar a sua letra.

— Ah, Isabel, você é demais! Nem sei como agra...

— Então não agradeça. Tchau, Rosana.

Nem olhou para trás. Não agüentaria testemunhar o encontro Beijinhos, palavras vazias, sorrisinhos, mãos dadas...

Quando entrou na livraria, porém, tinha um ar despreocupado como se no cinema, quase vizinho, não tivesse deixado um pedaço de si mesma. Isabel procurou as estantes do fundo, que sempre têm menos gente e menos luz. Ao acaso, uma edição luxuosa: Fernando Pessoa.

*A Isabel é fingidora,
finge tão completamente
que chega a fingir que é amor
o amor que deveras sente...*

Lia com um sorriso vago, como se lê uma velha anedota. Outro fingimento. Não era ela a rainha dos fingidores? Fingia tão completamente naqueles versos e cartas que Cristiano acreditaria naquele amor. E ficaria cada vez mais apaixonado... por Rosana.

“Fingir não é difícil, quando se finge que se finge. É só usar alguns exageros, alguns símbolos...”

*"Símbolos? Estou farto de símbolos...(...)
Que o sol seja um símbolo, está bem...
Que a lua seja um símbolo, está bem...
Que a terra seja um símbolo, está bem...(...)
Mas que símbolo é, não o sol, não a lua, não a terra, (...)
Mas (...) a costureira que pára vagamente à esquina
Onde se demorava outrora com o namorado que a deixou? (...)
Símbolos? Não quero símbolos...
Queria —
Que o namorado voltasse para a costureira ".*

A pouca luz que lhe iluminava a página diminuiu, coberta por alguém às suas costas.

— Renovando as ilusões, senhorita Ilusão?

Fernando! Sempre Fernando, em todas as horas em que Isabel queria ficar só.

— Fernando Pessoa... — leu o rapaz nas mãos de Isabel. — Gosta de Fernando Pessoa? E da pessoa do Fernando, você gosta?

Isabel suspirou.

— Poderia gostar mais, se a pessoa do Fernando fosse menos insistente e soubesse escolher melhor a hora de aparecer...

— Acho que quem escolheu foi você. Eu trabalho de tarde nesta livraria.

— Oh, é mesmo? Eu não sabia...

— Tem muita coisa que você não sabe, Isabel.

— E que certamente você gostaria de me ensinar, não é?

— Você não encontraria professor mais dedicado...

— Por quê, Fernando? O que você quer?

— Você, Isabel.

— O que você vê em mim? Uma gorducha, de óculos, feiosa e sem graça, que ninguém tira para dançar?

— Não. Isso é o que *você* vê. O que eu vejo é uma garota adorável, que se esconde nos jardins para não correr o risco de alguém tirá-la para dançar...

— O que é que você entende, Fernando? O que é que você sabe?

— Sei, por exemplo, que Fernando e Isabel foram dois reis espanhóis que se amaram muito e até ajudaram a descobrir a América...

— Pois saiba que eu não sou espanhola, não toco castanhola e não quero descobrir coisa nenhuma. De mim, da verdadeira Isabel, você não sabe nada!

— Aquilo que eu não sei, nem posso saber que não sei. Por que você não me conta? Vamos sair um pouco? Que tal uma volta?

— Mas você não está trabalhando?

— Tenho direito a uma folga. Depois, minha mãe é a dona da livraria...

Tinha sido bom encontrar o chatinho do Fernando. O rapaz ajudou-a a passar aquelas duas horas. Poderia vir a ser um bom amigo. Desde que parasse de chamá-la "senhorita Ilusão", é claro. Com aquele passeio, depois que Isabel pegou Rosana no cinema, tinha até no que pensar enquanto fechava os ouvidos para não ouvir as descrições da amiga.

— Nem deu para ver com quem era o filme, menina! Imagine que o Cristiano...

Fernando, na verdade, tinha sido menos chato, menos cínico. Mas Isabel só enxergava Cristiano quando olhava para Fernando, só ouvia Cristiano quando tentava escutar a voz de Fernando.

—...me deu até vontade de rir! Mas, num momento, eu estava nas nuvens, porque Cristiano...

"Por quê, Cristiano?", em pensamento, Isabel interrompeu a descrição de Rosana. "Por que a Rosana, Cristiano? Por que não eu, a Isabel? Por que não eu, que escrevi o amor que Rosana sente por você? Você acreditou, Cristiano? Então por que não pôde ler este mesmo amor nos meus olhos?"

—...eu nem sabia o que fazer, Isabel. Mas, pelo jeito, ele sabia pelos dois e estava louco pra me ensinar...

"Eu também queria aprender, Cristiano. Eu também queria ensinar, Cristiano. Juntos, ninguém saberia mais de amor do que nós dois... Eu aprendi muito com aquele beijo, com aquela noite, com aquele jardim, com seus lábios, com seu corpo, com seu calor, com seu cheiro... mas..."

—...bem, eu não queria deixar, mas foi aí que ele...

— Cala a boca, Rosana!

— Cala a boca!

— Oh, oh! Mais uma cartinha? Quantas já escreveu para Cristiano? Cinco? Dez?

— Cala a boca!

O inimigo rachado ria-se sério, como se fizesse de cada escárnio uma bofetada. Esbofetada, surrada por ela mesma, Isabel punha no papel todo o tormento e toda a paixão que a perseguiam, que aumentavam a cada dia e a cada carta que renovava o namoro de Rosana e Cristiano. O mesmo papel que, mais uma vez, seria entregue pela amiga ao seu querido. E que serviria para aumentar a paixão de um lado e o tormento de outro.

Ah, tormento que eu não posso confessar...

O que eu escrevo é a verdade, eu não minto,

eu declaro tudo aquilo que eu sinto,

e é a outra que teus lábios vão beijar...

Sei que quanto mais verdade tem no escrito,

mais distante eu te ponho dos meus braços,

pois desenho o paralelo de dois traços

que na certa vão perder-se no infinito.

*Estes versos feitos pra te emocionar
justificam todo o amor que tens por ela
e as carícias que esses dois amantes trocam.*

*E eu te excito, sem que venhas a notar
que esses lábios que tu beijas são os dela,
mas são minhas as palavras que te tocam...*

— Não! Onde estou com a cabeça? Não posso entregar *isto!* Cristiano não pode saber que... Nunca! Eu prometi. Preciso escrever outra carta. Outra carta... Ah, Cristiano, eu morro...

— Isabel! Telefone pra você!

Mais uma vez o grito histérico da mãe. Mais uma vez seria Fernando. Ela já estava se acostumando a ele.

— Alô...

— Alô, priminha? É você?

— Cristiano...

9 — A segunda promessa

Cristiano! Era ele. Era ELE! E queria falar com ela. Pedira segredo e que ela o encontrasse em meia hora no parque de diversões. Seria melhor assim pois, se ele viesse à sua casa, sua mãe ocuparia todos os espaços, ofereceria lanches, não os deixaria conversar a sós.

A sós! Por que *a sós?* O que haveria para segredar? Será... será que ele tinha conseguido ler nas entrelinhas das cartas que Rosana entregava? Será que ele pudera descobrir... Não! E se ele e Rosana tivessem brigado e ele afinal descobrira que Isabel era o seu verdadeiro amor? Bem, isso até que seria de se esperar porque... Que nada! Impossível! Como o amor dele por Rosana poderia diminuir depois de todas aquelas cartas e poemas? E Rosana não lhe tinha dito que era impossível encontrá-lo sem alguma cartinha? Que "Onde está a cartinha?" era a primeira frase que Cristiano dizia logo ao se encontrarem? Depois, mesmo que os dois tivessem brigado, por que haveria Cristiano de lembrar-se dela? Nunca mais haviam se falado desde aquele maldito encontro no laboratório...

"Não. É melhor esquecer as esperanças. Mesmo que ele desista de Rosana, por que haveria de olhar para mim? Por que para a feiosa? Para a gorducha? Você não vai desistir da Rosana, Cristiano. Eu não vou deixar. Eu vou continuar te amando, Cristiano. E você vai me amar cada vez mais através das minhas cartas. Mesmo que você nunca venha a saber disso, meu amor..."

Num dia de meio de semana como aquele, o parque de diversões estava quase deserto. Uma babá uniformizada trocava sorrisinhos com

o sorveteiro enquanto a criança de quem ela deveria estar cuidando aproveitava para verificar de que cor ficariam seus sapatinhos brancos depois de mergulhados na lama até os tornozelos.

Ele chegou lindo como nunca. Ou como sempre. Como sempre chegava e nunca saía do pensamento de Isabel.

— Oi, priminha!

— Oi, Cristiano...

Lá vieram os beijos estalados e lá ficou Isabel recordando, num breve momento em que se permitiu fechar os olhos, aquela noite, aquele jardim e aquele beijo tão diferente destes estalos

reservados à priminha... Naquela noite, no escuro, ela não fora a *priminha* para Cristiano. Fora mulher. Depois... bem, depois era agora.

— Priminha...

Isabel ficou ouvindo, quase sem prestar atenção, as palavras que pareciam um discurso de introdução a algo mais importante. Cristiano falava da sua adaptação à cidade, de todas as cidades onde estudara por causa das viagens do pai, da turma boa que já conseguira formar, tudo entremeado por risadas e "priminhas queridas".

— Quer um cachorro-quente, priminha querida?

— Não, eu... estou de regime. ,.

Atrás da montanha-russa, vazia e parada, parecia um bom lugar para conversar. Ali, os dois estariam protegidos dos poucos olhares indiscretos que aparecessem.

Um ventinho frio começou a soprar e a enorme estrutura de ferro rangeu enferrujadamente. Cristiano tinha acabado de devorar o cachorro-quente e de limpar com as costas da mão um bigode de mostarda.

— Priminha, como da outra vez, eu quero lhe falar de Rosana... Isabel sentiu-se arrepiar com o vento e com o rangido irritante dos ferros.

— Sabe? Nunca encontrei alguém como ela. Nunca pensei que eu pudesse apaixonar-me desse jeito. Não ria, prima, com você eu me sinto tranquilo. Não tenho vergonha de confessar o que sinto. Rosana é linda, mas é muito mais...

As palavras de Cristiano tornavam-se cada vez mais claras para Isabel, e a menina encolheu-se como a proteger-se de algo mais assustador que parecia estar por vir.

— Eu não esperava que ela tivesse tanta sensibilidade, priminha. Além da beleza. Engraçado... você a conhece há tempos, e deve saber disso melhor do que eu: Rosana é tímida como um coelhinho. Quando estamos juntos, ela quase não fala. Apenas sorri. É muito carinhosa, é claro, mas pessoalmente quase não dá pra notar a cabecinha maravilhosa que ela tem. Só que, quando ela escreve...

— Quando ela escreve? O que é que tem?

— O mundo todo se enche de luz, priminha! Você nem pode imaginar. Todos os dias Rosana chega com uma carta, com um poema, com uma prova de amor que me tira o fôlego. Bem, eu nunca fui muito ligado em literatura, sabe? Mas Rosana abriu para mim um mundo diferente. Um mundo de pensamentos, de palavras, de emoções... Um mundo que eu desconhecia.

— Verdade? Você está gostando deste novo mundo?

— Você deveria ler o que ela me escreve, priminha. Eu leio e releio cada carta cem vezes e não me canso. Acho que nunca li coisas tão lindas em toda a minha vida...

— Ora, que exagero...

— Exagero? Se você diz isso é porque não sabe do que Rosana é capaz. Ela é muito mais linda escrevendo do que pessoalmente!

— Oh, você acha mesmo?

— Rosana e você são amigas há muito tempo. Na certa você já deve ter lido algum poema dela, não?

— Bem... alguns...

— E o que acha deles?

— Hum... não são maus...

— Não são maus?! São maravilhosos! São as palavras mais puras e verdadeiras que eu jamais li!

— Ah, Cristiano, você acha isso mesmo?

— Prima, eu estou cada vez mais gamado pela Rosana. No começo, foi aquele rostinho que me atraiu, mas o rostinho era pouco perto do espírito que Rosana escondia dentro dele. Agora,

nem penso mais na beleza de Rosana. As cartas dela me emocionam até mais do que quando eu a beijo. Quase que prefiro estar no meu quarto, relendo as cartas, do que junto dela...

— Oh, Cristiano, não fale assim...

— Ah, priminha, eu vou amar Rosana enquanto viver! Não me importa se ela é linda ou se ela é feia. Importa que...

— Você a amaria, mesmo se ela fosse feia?

— É claro que sim!

Freneticamente, Isabel agarrou os dois braços de Cristiano.

— Diga: você a amaria? Mesmo se ela fosse gorda? Me diga: mesmo se...

— Mesmo se eu fosse cego! Bastaria que alguém lesse para mim o que ela escreve!

Aos poucos, Isabel afrouxou a força dos dedos nos braços de Cristiano.

— Você... você não sabe o que está dizendo, Cristiano...

Uma garoa fina e gelada começou a se fazer sentir. Os rangidos dos ferros da montanha-russa percorriam a espinha de Isabel de alto a baixo. Atrás do sorriso que ela conseguiu representar a custo, seu rosto estava branco.

— E você... me trouxe aqui só para dizer isso, Cristiano?

O rapaz baixou os olhos. Num momento, toda aquela paixão, todo aquele entusiasmo, deu lugar a certo desânimo.

— Não... na verdade eu fico até contente ao lhe contar tudo isso. Eu quero que você saiba da minha felicidade. Afinal, foi você que me abriu um novo mundo ao trazer Rosana à minha festa, não foi? E, depois, ajudou nosso primeiro encontro. Eu lhe devo muito, priminha.

A garoa estava gelada e, caindo vagarosamente, já tinha encharcado os dois. *r*

— Você prometeu nos ajudar, lembra-se? Eu lhe pedi, naquela manhã, no laboratório...

— Sim, eu me lembro...

— Você é a madrinha deste amor maravilhoso, prima...

— O que você quer que eu faça? Que os abençoe?

— Eu agora preciso de um pouco mais. Sabe? Eu nunca fui um bom aluno. Eu só sei jogar futebol...

— Como? Mas a tia Adelaide disse...

— Isso são coisas de mãe. Ela vive fazendo uma propaganda maluca, onde eu apareço como ela gostaria que eu fosse, não como eu sou. Eu sempre passei raspando, prima. Principalmente em português e literatura. E me sinto um pouco humilhado diante do talento de Rosana. O que ela há de pensar de mim?

— Ela te ama, Cristiano...

— Disso eu sei. Só quem ama muito pode escrever o que ela escreve. Mas, e eu? Eu não sei mexer com as palavras. Não sei responder a ela com a mesma... a mesma...

— Ternura...

— É. Ternura. Eu *sinto* essa ternura, mas não sei como demonstrar. Eu quero me mostrar a ela, sem qualquer vergonha, Isabel. Mas na hora acho que falta... falta aquela...

— Paixão...

— Isso. A paixão está por dentro, é tão grande quanto a dela. Mas...

Isabel sugeria cada palavra, cada sentimento, como se fosse um jogador a descartar sobre um pano verde. E o rapaz comprava todas as cartas.

— Será que não falta amor, Cristiano?

— Não. Isso não falta. Eu quero aquela menina como ninguém há de querer. Tenho certeza. Mas, quando estou com ela, só consigo contar piadas...

— Pode ser um novo estilo de namoro. Piadas de amor...

— Não brinque, prima. Eu não posso parecer ridículo diante daquela garota maravilhosa...

— Fique tranquilo, então. Tenho certeza de que ela o ama como você é.

— Mas eu queria poder amar Rosana do jeito que ela me ama. Eu queria poder escrever para ela com a mesma ternura, com a mesma paixão com que ela me escreve. Mas eu não tenho jeito, priminha...

— Ah, Cristiano... você tem tantos jeitos...

O rapaz tomou nas suas as mãos de Isabel e trouxe-as ao peito. Olhou profundamente a menina.

— Isabel, me disseram que você é ótima em redação. Foi por isso que eu lhe pedi esta conversa. Preciso de mais um favor.

Isabel deixou as mãos apoiadas sobre o peito do rapaz. Sentiu pulsar-lhe o coração, num dueto com o seu.

— Prima, você poderia escrever alguma coisa para eu dar a Rosana?

A ferragem rangeu de novo, quase abafando a surpresa de Isabel.

— Como?!

— Só de vez em quando, priminha. Me ajude! Uma cartinha ou um verso, para que Rosana não se decepcione comigo...

— Mas como é que eu posso...

— Escrever uma carta de amor para outra garota? Você pode tentar, não pode? Talvez escrevendo como se fosse para o seu namorado. Depois eu copio, passando tudo para o feminino. Você tem namorado, não tem?

— Eu? Tenho... é claro...

— Como é o nome dele?

— O nome dele? É... Fernando...

Fernando! Droga! Foi o primeiro nome de que ela se lembrou. Se Fernando soubesse...

— Então escreva uma carta de amor bem bonita para Rosana como se fosse para o Fernando. Vai dar certo, você vai ver. Será o nosso segredo!

— Cristiano, eu...

— Ah, você prometeu, priminha! Me ajude!

—... sim, eu prometi...

— Pois prometa de novo!

Segurando-lhe os ombros, o rapaz a olhava fixamente nos olhos. Isabel deixou que um arrepio lhe percorresse todo o corpo molhado e murmurou:

— Eu... eu prometo, Cristiano...

10 — Perdas de amor

O inimigo, rachado de alto a baixo, dividia Isabel. Uma das duas deveria amar Cristiano, e a outra devia estar apaixonada por Rosana. Mas ela sentia-se inteira de Cristiano, cada pedacinho de seu corpo e de sua mente vibrava, pulsava, pertencia a Cristiano. Só que Cristiano pertencia a Rosana. Como, então escrever uma carta de amor para a rival? Como ajudar seu amado a declarar-se mais ainda à garota que a estava destruindo? "Mas eu prometi, eu prometi..."

À sua frente, folhas rabiscadas, papéis amarrotados, um respondendo ao outro, um querendo agarrar, outro querendo ser agarrado, um forçando, outro permitindo. Era como se a mão esquerda escrevesse para a direita, era como se um ouvido falasse para o outro.

Por sobre aquela divisão, pairava a voz rachada do inimigo, provocando, torturando, gozando, mas, ao aumentar a dor, fazendo ferver ainda mais o caldeirão de misturadas paixões, promessas e desesperos que queimavam Isabel por dentro.

*Antes de ti, Cristiano,
eu nem sabia sequer,
fui metade de mim mesma,
fui pedaço de mulher...*

*Vou deixar meu peito aberto,
Rosana de amor sem fim, sem
porteiro, sem vigia,
para que entres em mim...*

— Ah, Isabel, idiota! Ouve, sou teu inimigo... Esquece essa promessa cretina. Ele adora o que você escreve. Ele adora você!

Do outro lado do corredor, mesmo com duas portas a separá-los, a voz do inimigo fazia-se ouvir perfeitamente por Isabel.

"As palavras de Rosana devem ser mais ingênuas. Acho que Cristiano espera que seja assim. Ai, Cristiano..."

*Era metade de mim,
era pedaço inocente,
pois eu era quase nada
e pensava que era gente...*

*Entre aqui dentro, Rosana,
aqui não há nada de mal,
mas vais achar em meu peito
um verdadeiro arsenal!*

— Você cozinha os versos com o seu melhor tempero, não é? E pra quê? Pra morrer de fome enquanto os dois se empanturram com a emoção que você criou?

"Quando as cartas são de Cristiano, acho que têm de ser mais fortes, mais ousadas. Ah, Cristiano, eu quero que você seja assim..."

*Hoje sou ré, sou culpada,
sou o sul e sou o norte,
confesso meu crime de vida
que dá luz em vez de morte!*

*É só transformar em granada
os pulmões e o coração,
espalhando aos quatro ventos
estilhaços de paixão!*

— Cretina! Rasga isso! Seja mulher, Isabel. Vá atrás dele. Lute por ele!

"Sou Isabel... Sou mulher, me escute... estou perdida..." Sou gente! Socorro, Cristiano... me escute ... estou perdida..."

Quero que venham juizes

*dispostos a me condenar
e te nomeiem carrasco
pra eu viver a te adorar*

*Pois que venha a medicina,
pois que berre, pois que zangue!
Nós vamos juntos gritar:
— Um... dois... três... sangue!*

— Rasga! Esquece!

*Cristiano, me agarra, sou tua!
Vem morar dentro de mim!*

Te entrega, Isabel!
CALEM A BOCA! TODOS VOCÊS!

— Fique tranqüila, Rosana. Aqui a gente pode conversar sossegada. A mãe saiu, com enxaqueca e tudo. Temos a tarde inteirinha pra fofocar à vontade.

Rosana experimentou um batom de Isabel, espremendo os lábios.

— Precisa trocar este espelho. Nem sei como você consegue se maquiar com esta rachadura... Como é que quebrou?

— Sei lá. Quebrou. Só isso.

Isabel já havia separado uma pilha de livros e cadernos, mas olhou sorrindo para a amiga.

— Você não estava pensando *exatamente* em estudar biologia quando veio para cá, não é?

Rosana olhou através do corredor, sorrindo de volta para a amiga, que a aguardava no quarto. Deu uma última olhada no espelho e andou sonhadamente até à cama de Isabel, onde se jogou, sem se preocupar em tirar os tênis.

— Não sou como você, Isabel. Você está sempre interessada em tudo, ligada em todas as coisas. Eu tenho só uma idéia fixa. Uma idéia fixa que já dura quase um mês. Não consigo pensar em nada senão em Cristiano. Você não sabe o que isso significa...

— Ah...

A pilha de livros caiu das mãos de Isabel. A menina ajoelhou-se no chão e começou a reempilhá-los apressadamente, como se um rio estivesse por correr ali e pudesse arrastá-los consigo.

— Posso fazer uma idéia, Rosana...

— Acho que você não pode. Ninguém pode saber o que é amar alguém como Cristiano. Eu... eu acho que estou te traindo, Isabel...

— Traindo? Como?

E a pilha de livros espalhou-se de novo pelo chão.

— Estou escondendo um segredo de você. Cristiano adora suas cartas...

— Adora? Adora mesmo?

— E como! Eu vou ser grata a você o resto da vida por ter me impedido de passar por burra diante dele. Cristiano parece tão caído por mim quanto eu por ele. No começo, nos primeiros dias, ele se conteve, como se... como se...

— Como se quisesse deixá-la à vontade...

— Exatamente. Deixar-me à vontade. Isso acabou fazendo com que o nosso namoro girasse quase que só através das suas cartas, Isabel. Daquilo que você escrevia... Mas, depois, ele se

abriu. E como se abriu! Ele é um amor, mas é também um gênio. O segredo que eu queria lhe contar são estas cartas dele. Veja.

Rosana abriu a bolsa e tirou um macinho de cartas mil vezes relidas.

— Hum? Cartas de Cristiano?

— Eu não queria mostrar a ninguém, Isabel. É lindo demais. Eu queria guardar essa beleza só para mim. Ciúme. Ciúme das cartas como ciúme dele. Mas você tem o direito, não é? É você quem põe no papel o amor que eu sinto por ele. Acho que você tem o direito de ler a resposta.

Como se estivesse pouco interessada, Isabel folheou rapidamente os papéis que conhecia quase de cor. A letra de Cristiano, firme, reproduzia cada uma daquelas palavras que ela havia criado na solidão torturante do seu quarto, perseguida pela voz do inimigo rachado, do outro lado do corredor.

— Então? O que acha?

— Eu? Hum... não sei, parece bom... algum estilo...

— Algum estilo?! O que é isso, Isabel? Você está perdendo a sensibilidade? Aí estão as idéias mais malucas, mais francas, mais lindas que eu já li. Ser amada desse jeito é muito mais do que eu sonhei na vida. E você ainda diz que tem *algum estilo!*

— Você gostou mesmo, Rosana?

— Desculpe, mas eu acho que finalmente você encontrou um rival literário à sua altura. O que ele me escreve é muito mais inspirado do que as cartas que você escreve por mim...

— Hum...

— É tudo tão bom, um sonho tão maravilhoso com Cristiano, que eu chego a sentir medo.

— Medo? Amor e medo... parece que não combinam.

— Medo de ser desmascarada por Cristiano. Um garoto tão sensível, uma cabeça tão incrível... Quando estamos juntos, ele não me provoca. Conversa, ri e brinca, só. Toda a beleza que ele tem por dentro fica para as cartas e para as poesias. Acho que ele sentiu que eu, pessoalmente, não consigo dizer o que você escreve nas cartas.

— É? E você? O que faz?

— Eu dou todo o carinho que posso, mas banco a tímida, sorridente, meio calada, para disfarçar. Eu queria poder falar, abrir a boca e dizer tudo o que eu sinto por ele. Mas eu sei que, na hora, não vou conseguir dizer nada e ele vai se decepcionar comigo. Isabel, eu tenho medo. Medo de que Cristiano...

— Está bem!

— Como?

Isabel bateu os livros sobre a mesinha. Agarrou Rosana pela mão e arrastou a amiga para a sala.

— O que está havendo, Isabel?

— Você vai falar com Cristiano e dizer tudo o que sente. Agora!

— Mas...

Decidida, estendeu o telefone para Rosana.

— Pegue. Ligue para ele.

— Ora, mas eu lhe disse...

— Não tenha medo. Eu fico ao seu lado e vou falando. Ê só repetir.

— Isabel, você está vermelha... O que houve?

— Você quer falar com ele, não quer? Pois fale! Eu estarei pendurada no seu outro ouvido. Fale com ele e repita tudo o que eu disser.

Colocou o fone nas mãos de Rosana e discou ela mesma.

— Isabel! Não...

— Alô.

Do outro lado da linha, a voz de Cristiano.

— Eu... Cristiano, eu...

— Rosana! Oi, meu amor... Eu estava agora mesmo relendo aquele seu poema que...

— Que bom! Relendo o meu poema... Isabel colou a boca ao ouvido livre de Rosana.

— Repita: Não, não releia o que já sabe, Cristiano. Não quero que o meu amor pare no tempo da jura de ontem. Ouça o amor de hoje, que será bem menor que o de amanhã...

— Não, Cristiano... não...

— Alô? Rosana? O que está havendo?

— Vamos! Repita o que eu disse!

— Não! Eu, eu... Cristiano...

Com o rosto em brasa, Isabel arrancou o fone das mãos de Rosana e tapou parcialmente o bocal com uma toalhinha de crochê que enfeitava a mesa do telefone. E falou, inflamada de paixão.

— O que eu escrevo, Cristiano, é menos do que eu posso dizer. E o que eu posso dizer, agora, é menos do que eu sinto por você. Tanta verdade se perde no caminho do coração ao cérebro, do cérebro à boca, da boca à mão, da mão ao papel... Agora eu quero que você saiba tudo o que eu sinto, sem perdas pelo caminho. Sem desperdícios. Quero que você percorra os meus caminhos de volta, dos papéis ao coração. É aqui! É aqui dentro que você tem de morar, meu amor!

— Ah, Rosana... A sua voz está tão diferente... A ligação está abafada... Parece outra pessoa...

— É que hoje eu não sou eu, pois sou eu mesma. A mesíTa^do princípio do caminho, sem perdas de amor pela estrada, sem bloqueios, sem vergonhas. Eu sou agora aquele verdadeiro *eu*, que você ainda não conhece. É esse eu que você deve compreender, conhecer e amar!

— Eu... eu te amo, Rosana...

Ao lado da amiga, ouvindo só uma das partes, Rosana começou a chorar.

E Isabel falou. Falou, quase sem dar tempo para a resposta do outro lado. Sem tomar fôlego. Envolveu Cristiano, virou-o, manipulou-o, excitou-o, passando da frase mais arrebatada ao sussurro mais tímido, como uma pequena gata felpuda que rolasse no colo do dono.

— Rosana! Eu quero te ver. Agora!

— Então venha correndo. Me encontre na casa de Isabel. A mãe dela não está. Hoje eu quero ser sua, Cristiano. Venha me buscar.

De olhos molhados, sem entender nada, Rosana olhava atônita para Isabel.

O telefone foi desligado com decisão. Isabel estava de pé, respirando como se tivesse acabado de correr a maratona, com os olhos arregalados e um sorriso cínico, de triunfo, nos lábios.

— Pronto. Ele vem aí, prepare-se. Ê todo seu. Eu vou à livraria da mãe do Fernando.

— E eu? O que digo quando ele chegar?

— Aja. Eu já disse tudo.

II — *Paixão que mata*

11 — Um pouco de veneno

Isabel era um fantasma, naquela manhã. O primeiro sinal acabara de soar quando ela chegou ao colégio. Não teve coragem de juntar-se ao tumulto dos estudantes correndo para as classes. Encostou-se à parede, abraçada ao fichário e ao livro de química inorgânica, e ficou vendo esvaziar-se o pátio.

Inorgânica... não-orgânica... sem órgãos... sem organismo... sem entranhas... sem vida... mas cheia de paixão, cheia daquela paixão de um lado só, sem retorno, sem correspondência, sem esperança, sem futuro...

Sem futuro mesmo, depois daquela tarde. A mãe tinha chegado, é claro, com sua enxaqueca e a surpresa de encontrar o sobrinho com Rosana em pleno sofá da sala.

— Na maior atiração! Pouca vergonha! O que vão dizer os vizinhos? Ah, se seu pai estivesse vivo...

— Ele *está* vivo, mamãe!

Depois, à noite, conselho de família. Exigências de compromissos. Os pais de Rosana, bem à antiga, imaginando todas as safadezas, falando em exames médicos, derramando lágrimas e ameaças.

Mas discutir o quê? Ali estavam os dois, amando-se como nunca, como nunca *querendo* compromissos, jurando amor eterno.

— Praticamente duas crianças! — lamentava-se tia Adelaide. — Não é cedo demais para se falar em papéis assinados?

Todos os papéis que importavam, porém, já tinham sido escritos. E todos por Isabel. Foram eles que geraram e alimentavam ainda o amor daqueles dois. E destruíam a esperança da autora. Em muitos deles, ficara apenas a marca de uma lágrima. Pingada na solidão de seu desespero.

— Senhorita Ilusão... Isabel... Não vai subir para a classe? Fernando! Sempre Fernando, sempre presente, nunca Cristiano!

— Já vou, Fernando. É só um instante. Suba você. — Eu espero.

— Não, por favor. Vá. Eu preciso deste instante. Faça isso por mim.

Fernando aproximou-se suavemente. Tomou-lhe a pontinha do queixo e ergueu o rosto de Isabel em direção ao seu.

— Não, Fernando, por favor...

Com a palma da mão, procurou afastar o rapaz,

— Eu preciso ficar só, só um momento...

— Isabel...

Seus dedos enroscaram-se em alguma coisa que saía da camisa de Fernando, quando ela se esquivou dos lábios que procuravam os seus. Com o arranque, algo veio partido, pendurado em sua mão.

"Uma correntinha... Estão na moda as correntinhas...", pensou a menina.

A correntinha caiu no chão. Abaixaram-se os dois para recolhê-la, mas...

— Ei, vocês dois! O que estão fazendo fora da classe? Brucutu! O bedel-chefe. Uma massa enorme que devia ter sido carcereiro antes de empregar-se naquele colégio. O pavor de todos os alunos, o perseguidor implacável. O pesadelo dos cabuladores, dos conversadores, dos namoradores.

— Nada... a gente já ia subir...

— Já deviam ter subido, vocês sabem muito bem. Ninguém pode ficar no pátio depois do sinal!

— Sim, é que...

— Pra diretoria já! Os dois!

A mão de Fernando apertou a de Isabel, para dar-lhe apoio. Mas aquilo não era necessário. Ouvir um discursinho de dona Albertina, a diretora obesa e sorridente que era a alma daquela escola, não assustava ninguém. Quem assustava era Brucutu.

Apertando mais do que o necessário, Brucutu arrastou os dois pelos braços até à diretoria.

Sem saber explicar por quê, Isabel sentia um clima de insegurança ao longo do corredor.

— O que está havendo? — estranhou o enorme bedel.

A porta da diretoria estava fechada. À sua frente, a jovem professora de filosofia esmurrava a porta, nervosamente.

— O que houve, dona Olga? — perguntou Brucutu.

— Hein? Não sei. Estou preocupada. Eu tinha uma reunião com dona Albertina agora, mas ela está trancada aí dentro. Não responde...

— Bom, eu tenho a chave mestra. Se a senhora quiser...

— O que está esperando? Abra logo!

Brucutu largou os dois e tirou um molho de chaves do bolso.

— Está difícil... A outra chave está na fechadura, do lado de dentro...

— Anda logo! — insistiu nervosamente a professora Olga.

A fechadura cedeu com um estalo. Brucutu abriu a porta e agarrou novamente os braços de Isabel e Fernando, acompanhando-os para dentro da diretoria.

As cortinas estavam fechadas e as luzes todas acesas. Isso era anormal, para aquela hora da manhã, mas era assim que dona Albertina trabalhava em seus serões.

— Dona Albertina? — Isabel ouviu atrás de si a voz da professora de filosofia. — Onde a senhora está?

A enorme mesa de trabalho, antiga e esculpida a mão por algum artista esquecido há muito tempo, estava coberta de papéis. Contendo-se para não gritar de dor por causa do apertão de Brucutu, Isabel foi empurrada à frente, em direção à mesa. Por isso, ela foi a primeira a encontrar o cadáver de dona Albertina.

O resto do dia foi uma espécie de pesadelo circense, muito diferente do que Isabel imaginaria para um enredo de filme.

Morta dona Albertina, a autoridade máxima era a professora Virgínia, uma vice-diretora cuja utilidade na direção da escola ainda não tinha sido percebida por ninguém. Seu primeiro ato como autoridade máxima foi um verdadeiro faniquito, que só serviu para quase transformar em comédia o trágico fim de dona Albertina.

Depois que a fizeram engolir um copo com água açucarada, a professora Virgínia trancou a diretoria e proibiu que qualquer pessoa entrasse lá.

— Ai, ai, ai, coitada de dona Albertina! Como é que uma coisa dessas foi acontecer? O coração dela era tão forte... Alguém chamou o pronto-socorro?

Foi necessário convencer a professora Virgínia de que o pronto-socorro teria pouco o que fazer com um cadáver e que o certo seria chamar a polícia, como em todos os casos de morte súbita, sem assistência médica.

— A polícia?! Na nossa escola? Que horror! Coitada da Albertina! Albertina! Albertina!

Entrou na sala da diretora como uma louca e trancou-se, sozinha. Lá dentro, teve outro ataque, aos berros, como se fosse possível acordar a morta.

Quando a porta se abriu, a professora Virgínia parecia convencida de que a morta estava mesmo morta. Determinou que a diretoria fosse trancada de novo, com cadáver e tudo.

Engoliu mais água com açúcar e, sem parar de lamentar-se, mandou dispensar todos os alunos e funcionários. Mais tarde, teve de agüentar a fúria do investigador, que chegou duas horas depois de chamada a polícia.

— Quem lhe deu ordem para dispensar todo mundo?

— N-ninguém... — gaguejou a professora Virgínia, sem saber o que fazer com as mãos. — Foi para os alunos não ficarem impressionados...

— E para estragar o meu trabalho!

— N-não... eu pensei que um ataque do coração, como esse... Não tinha sido um ataque do coração, afinal. Pela projeção da escola e de dona Albertina, a autópsia foi feita naquela mesma tarde. No corpo obeso daquela educadora sorridente, querida por todos, líder de todos, encontraram uma boa dose de cianureto.

Já anoitecia quando um carro da polícia foi buscar Isabel em casa. A mãe veio junto, naturalmente, carregando a pior crise de enxaqueca de que a filha se lembrava.

Mas a mãe teve de aguardar fora da sala da diretora, enquanto o investigador interrogava sua filha. Na sala, apenas a polícia, a professora Virgínia, que ainda não tinha descoberto o que fazer com as mãos, as quatro testemunhas daquela manhã e o professor de química.

O investigador procurava reconstituir a cena da descoberta do cadáver. Perguntava, interrompia, duvidava. Sentada ao lado de Fernando, quase sem ouvir o interrogatório, Isabel recordava claramente todo o cenário daquela manhã.

— Coitada da dona Albertina... — choramingava a professora Virgínia.

Isabel lembrava-se da mão gorda de dona Albertina, primeiro pedaço da anatomia morta que ela vira entre a mesa e a janela. Coisa feia, sem jeito, que é um cadáver! Ainda mais de alguém tão gordo, tão grande como a diretora. Estava jogada no tapete, como se um caminhão basculante a tivesse descarregado por cima da mesa. O vestido levantado, a boca aberta, os olhos esbugalhados. Nada que pudesse lembrar a alegria, o entusiasmo e o talento daquela mulher. A morte havia levado tudo.

— Coitadinha da dona Albertina... — fungava a professora Virgínia, como se estivesse ouvindo os pensamentos de Isabel e não o interrogatório profissional do investigador.

Tão gorda... Coitada! Sempre falando em fazer regime. Garantira que, no começo do ano letivo, estava decidida a emagrecer. Dissera que, desta vez, a decisão era para ser levada a sério.

Isabel sorriu e, por um instante, visualizou a mesa da diretora naquela manhã. Lembrou-se claramente de um papel de bombom. Pobre dona Albertina! De dia, comendo saladinhas e exibindo sua vontade de emagrecer como se fosse um troféu e, à noite, fechada na diretoria com seus bombons e sua gulodice, como uma criança que se esconde para fazer reinações.

— Logo agora que ela estava fazendo regime... — lamentou-se a professora Virgínia.

Daquele momento em diante não haveria mais gula ou regime para dona Albertina. Não havia nem mais o papel de bombom, que desaparecera da mesa. Nela, o que havia era um objeto, talvez um vaso, coberto por um pano.

— Cianureto! — vociferava o investigador para o professor de química. — Como é que uma escola como esta guarda cianureto no laboratório?

O professor de química olhou de lado, procurando algum apoio junto a Brucutu ou à professora Olga, que parecia a mais revoltada de todos, embora soubesse controlar-se melhor, sem fazer o papel ridículo da professora Virgínia.

— São estudos que estou fazendo com o pessoal do curso técnico — balbuciou o químico. — Estamos analisando a mandioca e...

— A mandioca?! — berrou o investigador. — Vai me dizer que a vítima foi envenenada com mandioca?

— Não... é que extraímos um glicosídeo da mandioca que...

O pano que cobria o vaso sobre a mesa foi retirado. Não era um vaso. Era um frasco de laboratório. A meia distância, mesmo de óculos, não era possível a Isabel distinguir o que estava escrito no rótulo.

— A autópsia encontrou cianureto, professor.

— Pois é. Neste frasco há glicosídeo cianonitrila que é extraído da mandioca...

— Cianureto?

— É. Pode-se dizer que sim.

— A vítima poderia ter apanhado isto no laboratório, não é? Qualquer pessoa poderia, não é?

— Bem, dona Albertina poderia...

— Como é que uma coisa dessas foi acontecer justo na nossa escola? — lamentou, aos soluços, a professora Virgínia, assoando o nariz com estrondo.

O investigador exibiu um envelope plástico transparente que revelava um pouco de pó branco.

— Este envelope estava no chão, ao lado da mão da vítima. Certamente é o mesmo produto deste frasco, não é?

— Pode ser... — o professor de química sentia-se esmagado.

— Posso fazer uma análise e...

— Deixe isso à polícia técnica, professor. A sua parte irresponsável o senhor já fez, deixando cianureto no laboratório, ao alcance de qualquer um!

O professor protestou timidamente:

— Ora, não é bem assim. Há muitos produtos potencialmente perigosos em qualquer laboratório. No caso da linamarina...

— Como?! O que o senhor disse?

A surpresa de Isabel interrompeu o professor.

— Linamarina. É o nome que se dá a esse glicosídeo.

— A esse veneno, o senhor quer dizer! — cortou o investigador. As recordações daquela triste manhã, na escuridão do laboratório, voltaram todas à memória de Isabel. Linamarina! Os dois nomes de mulher que, juntos, agora eram o nome da morte. Há quase um mês alguém mexera naquele frasco. Na penumbra, sem óculos, cheia de lágrimas, no começo da longa estrada que haveria de afastá-la cada vez mais do seu grande amor, Isabel não poderia ter reconhecido aquele alguém. Sua única certeza é que não poderia ter sido a diretora. O vulto de avental branco não era grande. Nem obeso.

— Coitada da dona Albertina! — choramingou de novo a vice-diretora.

— Dona Virgínia! Quer retirar-se? A senhora está atrapalhando o interrogatório!

Para a polícia, o caso pareceu simples. A porta trancada, com a chave do lado de dentro, o envelope contendo linamarina, as janelas fechadas e quatro testemunhas que haviam encontrado, juntas, o cadáver eram provas suficientes para uma conclusão de suicídio. Motivos para o suicídio? Não cabia à polícia deduzir. Afinal, onde está mesmo a lógica de alguém que decide tirar a própria vida? Uma vida obesa, alegre e produtiva? Uma vida de mulher, uma morte de mulher, uma morte com nome de mulher? Uma morte chamada linamarina?

Lembrou-se do poeta João Cabral de Melo Neto e de *Morte e vida severina*, aquele poema maravilhoso. Uma vida severina... uma morte linamarina... Tudo se juntava como uma carga pesada demais para Isabel. A recordação daquele beijo louco, daquele Cristiano louco do jardim, daquela noite louca, quando tudo havia começado. Depois, a desilusão no laboratório, as cartas e os poemas cheios de seu amor desesperado. Agora, aquela morte tão estúpida, tão grotesca, e a lembrança do vulto de branco mexendo na linamarina. Mexendo na morte.

Suicídio... E o que Isabel tinha feito no dia anterior? Não tinha sido ela mesma a disparar o tiro de misericórdia na nuca de sua última esperança de felicidade? O que tinha sido aquela declaração ao telefone? O que tinha significado forçar o encontro de Cristiano e Rosana em sua própria casa? Não fora isso uma espécie de suicídio? Um desejo de acabar logo com aquele sofrimento que só crescia, a cada hora, a cada verso, a cada lágrima?

Afinal, o que era a morte? Uma massa de banha jogada grotescamente sobre um tapete de diretoria? E o que era a vida, o que seria a vida, agora que a ligação entre Cristiano e Rosana tornara-se pública e definitiva? O que seria então a morte senão um alívio, um *basta* a toda aquela tortura? O que seria a morte? Severina como a do retirante nordestino? Linamarina como a da diretora obesa e sorridente? Como seria a outra morte, a da menina gorda, da garota feia, da poetisa de óculos, espinha no nariz e inimigo rachado?

"Mais vale um fim trágico do que uma tragédia sem fim...", recordou ela, ainda na diretoria, mal sentindo a delicada pressão da mão de Fernando sobre a sua.

Olhou para o tapete vazio onde havia descoberto o cadáver da diretora. E foi o seu próprio cadáver que viu ali.

— Oh, Isabel, entre. Está mais calminha? Carinhosamente, a professora Virgínia fez Isabel entrar na pequena sala da vice-diretoria, tão inútil quanto a ocupante.

— Bem... eu é que estava nervosa, não é? Mas você compreende, tenho certeza. Albertina morta, assim, sem mais nem menos... Nós éramos muito amigas, muito amigas mesmo...

— Sinto muito, dona Virgínia...

— Nós éramos tão amigas... Ela se preocupava tanto comigo... Imagino o seu choque ao encontrar o corpo da pobrezinha. Você parecia tão nervosa lá, durante o interrogatório... Mas não era para menos, não é? Estávamos todos muito nervosos...

Isabel sentiu-se pouco à vontade. O que queria aquela mulher? Será que faria outro escândalo, na frente dela? Um cansaço pesado começou a tomar conta do seu corpo. As cargas que ela tinha de suportar estavam pesadas demais para seus ombros de menina.

— Por que você se surpreendeu com o nome do veneno, querida?

— Eu? Me surpreendi? Não me lembro...

— Acho que foi só impressão minha, não foi? Vai ver foi o nervosismo que... Como era mesmo o nome do veneno?

— O nome, professora? Não sei... cianureto, parece...

— É. Cianureto...

A professora Virgínia olhava brandamente para a aluna. Mas era um olhar ausente, como se não esperasse resposta.

— Você não sabe... é claro que você não sabe. Pobre amiga morta! Eu já lhe disse que nós éramos muito amigas, não disse? Ela se preocupava tanto comigo... Imagine: tinha cismado que eu devia me aposentar. Queria que eu descansasse. Veja só... Ela trabalhava tanto, era tão dinâmica... E eu é que precisava descansar. Coitada da Albertina...

A professora Virgínia continuava a falar, como se a menina não existisse, repassando para si mesma aquela amizade que terminara de modo tão triste.

Isabel levantou-se e saiu silenciosamente da sala.

— É tudo tão trágico, Albertina...

Fernando tomou delicadamente a mão de Isabel, assim que ela abriu a porta de casa, e olhou-a firme nos olhos. — Isabel, eu preciso falar com você.

— Fernando... Oi. Entre...

Isabel afastou-se e o rapaz caminhou em direção à mesa coberta de livros e papéis.

— Você estava estudando?

— Não... eu...

— O que é isto? — perguntou Fernando levantando uma folha de fichário.

— Nada... é...

Há o instante da chegada

E o momento da partida.

Quanta vida eu já vivi?

Quanta resta a ser vivida?

São dois espelhos quebrados,

Dois vezes sete de má sorte,

lá vivi quatorze anos,

quanto resta para a morte?

É fácil vê-la chegando

em cada instante que passe,

pois se começa a morrer

no momento em que se nasce.

Vou caminhando pra morte,

não decidi meu nascer.

Da morte não sei o dia,

Mas posso saber!

— É do Augusto dos Anjos. Acabei de copiar...

— Do Augusto dos Anjos? Quando ele tinha *quatorze* anos? Isabel suspirou e jogou-se na poltrona, abraçando as pernas e apoiando a testa nos joelhos.

— Está bem, Fernando. Se você quiser conversar sobre poesia, vamos conversar sobre poesia.

Fernando ajoelhou-se em frente à poltrona e, com as mãos, obrigou Isabel a erguer o rosto para ele.

— Olhe para mim, Isabel. Acho que seria bom conversarmos depois daquela loucura toda. Durante o interrogatório, eu senti que você tinha alguma coisa a dizer. Alguma coisa que a incomodava...

— É claro — sorriu a menina. — Um cadáver de 120 quilos incomoda qualquer um.

— Não brinque, Isabel. Você manipula a todos, que eu sei. Mas comigo é diferente. Você não consegue me enganar.

— Eu não quero enganar ninguém.

— Só a você mesma, não é?

— Você veio aqui para brigar comigo, é?

— Eu só queria te ouvir. Passamos por isso juntos e talvez você precise me dizer alguma coisa.

— Mesmo que eu tivesse alguma coisa a dizer, de que adiantaria? A polícia já encerrou a investigação, não foi? Já concluíram por suicídio, não concluíram?

— E você? Chegou a alguma outra conclusão?

— Não importa se cheguei ou não, Fernando. O que importa é a conclusão da polícia. E eles já têm a deles.

— Talvez sim, talvez não, Isabel. Ouvi dizer que eles acharam muito estranho o fato de não haver qualquer impressão digital no frasco de veneno. Só no envelope plástico.

— Como assim?

— É isso aí. Dona Albertina resolveu suicidar-se, calçou luvas, foi ao laboratório às escondidas, pegou o veneno, tirou as luvas, colocou o veneno num envelope plástico, livrou-se das luvas fechou-se na diretoria e tomou alguns miligramas de cianureto. Isso tudo parece lógico?

— Ela poderia não ter usado luvas. Poderia ter usado um lenço, que na certa está agora em alguma bolsa.

— Poderia sim. Mas, por quê?

— Por que o quê?

— Por que dona Albertina se preocuparia em não deixar impressões digitais no frasco de linamarina?

— Não sei, Fernando. Por que dona Albertina se mataria?

— Aí está outra pergunta sem resposta. Por que ela teria decidido suicidar-se?

— Sei lá... um momento de loucura, o nervosismo causado pelo tal regime para emagrecer...

— Ora, Isabel, se gordura fosse motivo para suicídio...

— Eu me mataria, não é?

— Como?

— Ah, deixa pra lá!

— Que mania você tem de dizer que é gorda, Isabel! Você é bem mais magra que a Rosana que...

— Deixe também a Rosana pra lá!

— Está certo.

Fernando esperou que uma pausa longa refizesse os dois daquela discussão. Depois, perguntou bem baixo, como se acalmasse uma criança:

— Me diga, Isabel, por que você se lembrou do regime de dona Albertina? Afinal, que eu saiba, ninguém toma cianureto para emagrecer...

— Ou linamarina...

— Ou isso: linamarina. Por quê, hein, Isabel?

— Por causa do bombom.

— Do bombom? Que bombom?

— Não se lembra? Em cima da mesa dela havia um papel de bombom.

— Acho que não notei. Fiquei o tempo todo na entrada da sala, agarrado por aquele brutamontes do Brucutu.

— Pois eu notei. Coitada! Acho que ela fazia regime só na frente dos outros. À noite, fechava-se com seus bombonzinhos para repor todas as calorias perdidas...

— Coitada da dona Albertina...

— Coitada...

— Outra coisa: por que você se surpreendeu quando o professor de química falou o nome do veneno?

— Cianureto?

— Você sabe que não. Quando ele falou "linamarina".

— Eu me surpreendi? Talvez... Achei estranho um veneno ter nome de mulher.

— Você já tinha ouvido falar antes em linamarina?

— Não.

— Eu acho que você sabe de alguma coisa, Isabel.

- Não sei de nada, Fernando. Não me pressione, por favor.
— Eu quero ajudar, Isabel. Fale comigo.
— É melhor sair, Fernando. Não tenho nada a dizer.
— Por favor...
— Me deixe em paz, Fernando!

Isabel, porém, não conseguiu ficar em paz. Por que um cadáver de 120 quilos haveria de desabar sobre todos os seus problemas? Por que aquilo, ainda por cima? Por que uma morte tão real, tão mastodôntica, a concretizar todas aquelas idéias sombrias que, cada vez mais, apareciam em seus poemas e ocupavam seus pensamentos?

E ela sabia de alguma coisa. Sabia mesmo? O que ela tinha visto? Alguém de avental branco, há quase um mês, mexendo no frasco de linamarina? E estaria mexendo mesmo? Não poderia ser qualquer outro frasco ao lado daquele? Quem acreditaria nela? A polícia? Como ficaria o seu testemunho depois que confessasse estar escondida no laboratório, na penumbra, sem óculos e lavada em lágrimas? E será mesmo que ela gostaria de expor-se assim, a todo mundo, a Cristiano, a Rosana, a Fernando, à professora Olga, à professora Virgínia? Sem óculos, no escuro, chorando por um amor impossível para ela, mas que ela mesma ajudara a criar para outra garota?

Mas ela sabia de alguma coisa. Seria justo calar-se? Adiantaria falar? Ah, se ela tivesse Cristiano... Se tivesse aquele peito forte sobre o qual debruçar-se, procurando apoio, sentindo aquele cheiro bom, aquele calor a abrasar-lhe os lábios, o gosto salgado daquela pele penetrando-lhe o organismo, misturando-se ao seu sangue, fazendo dos dois um único ser...

Mas ela estava só. Não tinha ninguém.

*Da morte não sei o dia,
mas posso saber!*

13 — A sombra de um pesadelo

— Que coisa mais ridícula, Rosana! — Falar em casamento? Ridículo por quê, Isabel? Ele quer e eu quero. É o que mais quero na vida. Se for preciso, eu invento até o que não houver, só para os meus pais e os pais dele não mudarem de idéia. Eu quero Cristiano para mim. Inteirinho e para sempre!

— Mas vocês ainda são...

— Somos um homem e uma mulher, Isabel. Perdidamente apaixonados um pelo outro. Isso basta. E você tem tudo a ver com isso; minha amiga. Você ajudou nosso amor a crescer. Você será a nossa madrinha!

— Mandou me chamar, dona Virgínia?

— Entre, Isabel. Sente-se.

A menina aproximou-se da cadeira indicada. Mas permaneceu de pé.

— Não é nada importante, Isabel. Disseram que você anda meio preocupada, calada, desligada das aulas. O que está acontecendo, minha filha? Ainda impressionada com o suicídio de dona Albertina?

— Hein? Com o quê?

— Com o suicídio de dona Albertina... Suicídio?

— Com o suicídio? É... acho que sim...

A vice-diretora aproximou-se de Isabel e colocou as mãos maternalmente sobre os ombros da aluna.

— Sei que foi duro para você, minha querida. Foi duro para todos nós. Mas todos temos de reagir. A vida continua. E a sua está apenas no começo. Vamos tentar esquecer tudo isso...

Esquecer?

— Ah, dona Virgínia, não vai dar para esquecer enquanto...

— Enquanto o quê, Isabel?

— N-nada, professora...

A vice-diretora, que assumira o posto de dona Albertina, estava agora controlada, sem os choramingos histéricos daquela manhã. Mas adiantaria falar com ela? Contar-lhe tudo?

Estava claro que não.

— Mãe...

— O que foi, Isabel?

— Posso entrar, mãe?

A menina aproximou-se da cama da mãe e ajoelhou-se na beirada, como costumava fazer muitos anos atrás, quando havia mais um ocupante naquela cama.

— Mãe, eu preciso falar com você.

O quarto só estava iluminado pela luz fria da televisão. Recostada na cama, a mãe de Isabel estranhou um pouco a visita da filha.

— Está na hora da novela, Isabel. Você nunca me procura na hora da novela...

"Você é que não quer ser interrompida na hora da novela, mamãe...", pensou Isabel.

— Mãe... eu preciso de ajuda...

— De ajuda? Que espécie de ajuda quer agora? Você não é a senhorita-sabe-tudo?

— Eu não sei nada, mamãe...

— O que quer, então?

— Eu... eu estou sofrendo, mamãe...

— O que você tem, minha filha? O que está sentindo? Vou telefonar para o médico e...

— Não, mamãe. Eu não estou doente. É... é outra coisa.

— Outra coisa? Mas que outra coisa, menina?

Isabel avançou pela cama de gatinhas, como se quisesse novamente ser um bebê em busca da proteção do colo quente da mãe. Enrodilhou-se, de cabeça baixa.

— Nem sei como contar. Mas eu preciso de ajuda...

— Ajuda? O que você andou fazendo, Isabel?

— Mãe... você amava papai?

— Se eu amava seu pai... Que conversa é essa, Isabel?

— O que você faria se o amasse e ele não amasse você? Como se sentiria?

— Ora, Isabel, isso não são conversas para uma menina da sua idade!

— Mamãe, me ouça: o que você faria se tivesse encontrado o único amor de sua vida e ele estivesse apaixonado pela sua melhor amiga?

— Deixe de besteira, Isabel! Você é muito criança para essas bobagens!

— Eu sou *mulher*, mamãe! Eu não sou mais criança. Eu preciso de ajuda!

— Você precisa é parar de ler essas bobagens que você anda lendo, Esses livros andam enchendo a sua cabeça de idéias que não são para a sua idade.

— Por favor, mamãe...

— Já acabaram os comerciais, Isabel. A novela já vai começar. Vá para seu quarto agora e deixe de pensar em besteira.

— Por favor...

— E feche a porta. Minha cabeça está me matando!

— Essa menina anda estranha... Não sei...

— Vai ver, ela sabe de alguma coisa.

— Não creio. Ela teria dito. Para mim ou para a polícia. Talvez esteja imaginando alguma coisa. Ela é muito inteligente.

— Quer que eu fique de olho nela?

— Não sei... talvez... Mas discretamente. Veja com quem ela anda. Com quem fala. Vai ver, não há nada com que nos preocupar... Mas eu não gostaria que ela dissesse alguma besteira pelos corredores sobre a morte de dona Albertina.

— Deixe comigo.

Brucutu fechou a porta silenciosamente.

Isabel não poderia entrar em aula naquela manhã. Também não poderia ficar em casa, dividindo o espaço com a enxaqueca da mãe. Quando o sinal tocou chamando para a primeira aula, continuou a andar, sem rumo, pelos quarteirões que rodeavam a escola.

Era uma daquelas manhãs geladas de outono e as ruazinhas estavam desertas. A poucas quadras da escola, uma pracinha minúscula, sem bancos nem nada, sobrevivia à especulação imobiliária, exibindo apenas uma árvore. Mas era uma árvore antiga, grande, majestosa, com galhos pesados que pendiam sobre o chão, formando quase uma tenda verde-escura sob a qual Isabel se abrigou.

Debaixo da árvore, a grama não mais crescia, e a menina se sentou no chão batido, meio coberto de folhas caídas e papéis de sorvete.

Já não tinha lágrimas para chorar. Todo o estoque havia empapado o travesseiro naquela noite, enquanto a mãe assistia à novela. Depois, embalada por seu próprio pranto, Isabel adormecera.

Lembrava-se perfeitamente do sonho. Ela era a mesma princesa de um reino distante, a mesma de seus sonhos de criança. Mas agora era uma moça, à beira do mesmo lago de águas cristalinas onde os sapos aguardavam, pacientes, que uma princesa como ela resolvesse beijá-los e transformá-los em príncipes. A água a atraía, e ela desabotoou o corpete de fios de ouro. Estava só, sob um multicolorido dossel de folhagens através do qual a brisa compunha uma sinfonia acompanhada pelo murmúrio suave das águas do lago. Despiu-se completamente e mirou-se refletida no espelho da água.

Já não era uma criança. Seus cabelos soltos desciam pelos ombros, apontando para seios maduros, eretos, pedintes do carinho de uma mão masculina. Suas mãos desceram pelo corpo, contornando uma cintura estreita, um ventre reto e percorrendo uma pele eriçada, excitada, úmida. Acariciou as próprias coxas e demorou-se descobrindo-se mulher. Um calafrio gostoso percorreu-lhe a espinha, subindo até à nuca e espalhando-se pelo cérebro como se fosse o gostinho do chocolate que se derrete mansamente na boca.

Estava pronta. Pronta para o príncipe encantado que viesse, que a tomasse, que aspirasse seu perfume e a carregasse nua em seu cavalo branco.

Uma gargalhada infernal arrancou-a de seu devaneio. Refletida junto ao seu corpinho indefeso, a imagem de um gigante ameaçador aproximava-se cuspidando baba e palavrões. Sentiu-se agarrada por braços peludos, e um hálito demoníaco de alho e enxofre a sufocou.

Aterrorizada, olhou para a carranca do agressor.

Era Brucutu.

Tentou gritar, tentou desvencilhar-se do abraço obsceno. Debateu-se, sentindo aquelas mãos imundas a apalpá-la, a desvendar cada canto do seu corpo, a apertar, a invadir, a profanar, enquanto a gargalhada transformava-se num arfar ofegante.

Sufocada, quase desmaiando, viu quando uma mão de aço abateu-se sobre o ombro do monstro e o arrancou de cima dela.

Era um cavaleiro altivo, de armadura de prata, pronto a defendê-la até à morte. Foi um combate de sonhos. As espadas reluziam e entrebatiam-se soltando fagulhas. Gotas de sangue salpicavam-lhe a pele nua cada vez que um golpe chegava mais perto. Até que, com um volteio, a espada do cavaleiro fez um círculo de prata no ar, arrancando a cabeça de Brucutu, que rolou pela relva e foi desaparecer nas águas do lago.

O cavaleiro cravou a espada na terra. Olhou para a princesa e, ainda com o elmo abaixado, ajoelhou-se no chão, oferecendo seus préstimos.

Quem seria ele? Pendendo sobre a armadura, uma correntinha balançava.

A correntinha!

Sem vergonha da própria nudez, Isabel atirou-se em seus braços.

De repente, todo o cavalheirismo do herói pareceu desvanecer-se. Ele aceitou o abraço, esmagando-a com o peso da armadura. Onde ela buscava carinho, foi dor que encontrou. Outra vez foi agarrada brutalmente, agora arranhada em ferros como se uma jaula se fechasse sobre ela.

— Não!

Desesperada, ergueu o visor do elmo. Era Brucutu novamente!

— Não! Socorro!

— Calma, Isabel! Eu estou aqui. O que houve?

Outros braços a enlaçavam. Desta vez sob a árvore da praça, aquecendo-a do frio da manhã. Ela havia sonhado tudo de novo, acordada, como se tivesse enlouquecido.

— Calma, meu amor... Me abrace. Está tudo bem...

— Oh, Fernando... você...

Deixou-se soluçar baixinho, fungando como uma criança sobre aquele peito amigo que a toda hora se fazia presente.

Os dois deixaram passar todo o tempo de que Isabel precisava. E ela precisou de bastante tempo.

— Desculpe, Fernando. Eu ando nervosa, eu ando meio louca, falando sozinha, eu...

— Está bem. Você não está sozinha agora.

Era um bom amigo. Um amigo que Isabel até poderia ter aproveitado melhor se não o tivesse conhecido no pior momento de sua vida. Deixou-se abraçar, e sentiu aquecer-se aquela manhã que soprava gelada por entre as ramagens da pracinha.

— Obrigada, Fernando. Foi bom você ter aparecido.

— É a primeira vez que você diz isto.

— Como me encontrou aqui?

— Por acaso. Estava passando...

— Estava passando, nada! Você me seguiu.

— É claro que sim!

— Ah, Fernando! Você não toma jeito...

— Está mais calma agora? Quer falar sobre o que a está perturbando tanto?

— Eu... nada... é que... a morte da dona Albertina...

De que adiantaria falar-lhe de Cristiano? De que adiantaria dizer-lhe de sua desesperança? Afinal, havia a morte da diretora, que os dois haviam testemunhado. Aquela morte os unia. Então

era melhor tratar daquela morte. Fernando não tinha nada a ver com a outra. A outra morte, a morte-menina, que estava cada vez mais próxima.

— Você quer saber o que eu sei, Fernando, não é? É muito pouco, nem sei se adianta...

Fernando nada disse. Não insistiu. Se ela achava que devia falar, que falasse. Do modo e no tempo que quisesse.

— Pode não ser nada, Fernando. Mas, se for alguma coisa, isso quer dizer que dona Albertina não se suicidou. Ela foi assassinada.

Desviou os olhos do rapaz. O que tinha que falar agora era bem difícil, mas Fernando não precisava saber de todos os detalhes.

— Você já me falou de suas suspeitas, Fernando. Mas é que eu vi... eu vi uma coisa que... Bem, no primeiro dia de aula, eu entrei no laboratório sozinha. Nem sei por quê, acho que curiosidade, só...

É claro que ela não falaria de Cristiano!

— O laboratório é escuro, com aquelas cortinas. Mas eu vi alguém, alguém de avental branco, que entrou e pegou alguma coisa. Eu me escondi e acho que ele não me viu. Depois fui ver o frasco em que ele tinha mexido. Na hora, não desconfiei de nada, mas depois...

— O que estava escrito no frasco, Isabel?

— Estava escrito "linamarina"... Fernando soltou um assobio:

— Quer dizer que alguém, às escondidas, pegou um pouco de veneno? Você viu quem era?

— Não. Eu... eu estava sem óculos. Eles estavam sujos e...

— Viu se era jovem? Ou velho? Se era homem ou mulher?

— Não... eu não tenho certeza.

— Era alto? Baixo?

— Só vi que *não* era gordo.

— Como?

— Não era obeso. Não podia ser dona Albertina.

— É muito pouco, Isabel. Para a polícia é muito pouco. Uma garota, sem óculos, escondida na escuridão do laboratório, vê alguém...

— Que não é gordo...

— Que não é gordo, pegando um pouco de veneno. Ele pode ter mexido em outro frasco, não pode?

— Pode. Só que, se mexeu na linamarina, temos um indício.

— Muito pequeno. Quase nada, para a polícia.

— Mas, se for real, temos alguém, três semanas antes do crime...

Fernando sorriu, paciente, como se explicasse a tabuada a uma criança.

— Isabel, todas as semanas, todos os dias, antes e depois da morte de dona Albertina, tem sempre alguém mexendo nos frascos do laboratório. Isso não prova nada.

— Sei que não prova nada, Fernando. Sei que muitos funcionários e professores estão autorizados a trabalhar com os produtos do laboratório. Mas alguém entrou lá e pegou um pouco de veneno para matar dona Albertina. E eu *vi* quando ele fez isso! Eu *sei* que ele fez isso!

— Ora, Isabel! Que mania a sua de sempre saber tudo! Se você falar disso à polícia, o máximo que eles vão pensar é que existe uma menininha querendo bancar a detetive...

Isabel calou-se por um instante, avaliando as palavras de Fernando. Sem olhar para o amigo, perguntou:

— E você, Fernando? O que pensa?

— Eu penso que você é a garota mais adorável que eu conheço. Não me importa se você quer bancar a adulta ou se quer bancar a detetive. Para mim, você é uma criança assustada. Uma criança que eu quero proteger. Proteger e am...

Criança?! O sangue subiu ao rosto de Isabel. Ela se pôs de pé, furiosa, disposta a... Mas um outro rosto, uma carantonha sinistra, recortada em meio às sombras indefinidas da folhagem, calou o protesto que estava pronto a explodir em sua garganta.

— O quê? Fernando, veja!

A folhagem mexeu-se e Fernando levantou-se apenas a tempo de correr, afastando os galhos pesados, e perceber o vulto de alguém que desaparecia na esquina oposta.

Isabel refez-se da surpresa e alcançou o amigo.

— Quem era, Fernando? Você viu? Acho que alguém estava espionando a gente.

— Espionando? Chega de bancar a detetive, Isabel. Deve ser um moleque qualquer.

— Não parecia um moleque, Fernando. Que horror! Me abrace, por favor...

— Nem precisa pedir...

O rapaz enlaçou carinhosamente a menina e esperou que aquele coraçãozinho recuperasse os batimentos normais.

— Fernando, acho... acho que estou tendo outro pesadelo: eu juraria que era Brucutu.

— Brucutu? Bobagem! Se fosse ele, já nos teria agarrado pelas orelhas. Nós estamos cabulando aula, esqueceu-se?

14 — A última carta

— Isabel! Aconteceu alguma coisa? O que faz aqui? Você nunca veio ao meu escritório...

— Papai, preciso falar com você.

— Mas, agora? Estou no meio do...

— Papai, eu nunca pedi nada para você. Estou pedindo agora.

— Bom, mas no domingo que vem...

— Não posso esperar pelo domingo, papai. Preciso de você *já*.

— Certo. Mas é que...

— Não pode me arranjar cinco minutos, papai?

— Oh, é claro que posso! Venha, filhinha. O trabalho pode esperar. Vamos até à lanchonete. Quer um suco? Um guaraná?

Só o pai falou, até chegarem à lanchonete. Mandou vir o suco de laranja que Isabel concordou em aceitar e pediu um conhaque, desculpando-se com o frio daquele fim de manhã.

— E então, minha filhinha? Você não devia estar na escola a uma hora dessas?

— Saí mais cedo, papai. Precisava falar com você.

— Oh, você sabe que pode contar comigo! E então? O que está havendo com a garotinha do papai?

— A sua garotinha já cresceu, papai. Cresceu sem nunca ter conversado com você.

— É... você sabe, eu e sua mãe...

— Mas agora eu preciso de você.

— Pois fale, meu amor. Sou todo seu, você sabe. Você sempre foi a queridinha do...

— Pare com esses diminutivos, papai. Por favor. Me trate como gente. Me trate como um ser humano!

— Oh, oh, minha querida está mesmo brava hoje. Mas eu vou lhe dizer o que fazer. Olhe!

Com um grande gesto, retirou a carteira do bolso. Pinçou teatralmente algumas notas, dobrou-as, pegou a mão de Isabel, colocou o dinheiro sobre a palma e fechou-lhe os dedos, mantendo sua mão a apertar o punho fechado da filha.

— Aí está. Eu entendo dessas coisas. Nada como uma tarde de compras para mudar o humor da minha garotinha. É um presente extra do papai. Procure uma loja bem elegante e compre alguma coisa bem bonita para você. Um vestido, ou um desses... desses blusões coloridos de que vocês tanto gostam. Ah, eu lhe garanto que vai sentir-se melhor! Ah, ah, nada como uma boa compra para tirar essas bobagens da cabeça da queridinha do papai. Está vendo? Eu também sei tratar você como gente grande, hein? Satisfeita?

Isabel olhava incrédula para o pai, procurando penetrar-lhe os pensamentos, como se tudo aquilo fosse um jogo prestes a acabar. O pai haveria de rir-se da brincadeira e depois ofereceria o ombro amigo que a filha viera buscar.

Nada disso, porém, aconteceu. O pai levantou-se, beijou-a apressadamente e jogou sobre o balcão o dinheiro para pagar a despesa.

— Agora eu preciso ir, filhinha. Foi ótimo você ter aparecido, mas o trabalho... você sabe, não é? Não vai tomar o suco?

— Não tenho vontade, papai.

— Então? Está mais aliviada, agora? Isabel olhou o pai bem dentro dos olhos.

— Quer nota fiscal?

— Como? Não entendi...

— Nada, não, papai. Adeus.

— Tchau, filhota. Gostei da surpresa. Apareça outras vezes. Mas não vá cabular aula, hein? Olhe os estudos!

— Mas como, Isabel? Você não vai almoçar?

— Estou sem fome, mamãe. Tomei lanche na escola.

— Desse jeito você vai desaparecer. Vai ficar doente.

— Mamãe, hoje eu encontrei papai.

A mãe parou a colher de arroz entre o prato e a travessa.

— Seu pai? Mas hoje não é domingo!

— Foi um acaso, mamãe. Mas tome: ele lhe mandou isto. E jogou as notas sobre a mesa.

— O que é isso?

— É dinheiro, mamãe. Ele disse que é um extra.

— Mas...

— Compre algo bonito com esse extra. Ele diz que faz bem. Você deve entender disso melhor do que eu.

Talvez, naquela tarde, a mãe melhorasse da enxaqueca.

— Boa noite, meu inimigo. Você sempre tem razão, não é?

A imagem rachada estava séria, rosto seco, sem uma lágrima.

— Aqui está. Está pronta a última carta de Rosana para Cristiano.

— Como sabe que é a última?

— Eu *digo* que é a última.

— E depois?

— Depois... você me mostra o caminho.

O inimigo abriu-se revelando o armarinho de remédios. Vários vidrinhos, pílulas para enxaqueca, calmantes, estimulantes, comprimidos para o coração...

— Para o coração! Para o coração de Isabel, haverá algo? Cuidadosamente, leu cada bula, cada recomendação, cada alerta

sobre efeitos colaterais, sobre doses exageradas. Com decisão, escolheu um dos frascos e fechou o armário.

Lá estava de novo o inimigo. Olhando de frente, sorrindo com tristeza atrás da rachadura.
— A carta está pronta. Ouça. E não fale nada.

*E o meu amado o que diria
se eu partisse?
O que diria se estes versos
não ouvisse?
O que teria em suas mãos
senão um corpo dessangrado
cheio de carne, de suspiros,
de delírio apaixonado?
Faltaria, porém, o recheio das idéias,
a loucura e a razão,
que transforma um encontro sem graça
em tremenda paixão!
Mas não tema o meu querido
que esse amor desapareça,
pois ele é amado ao mesmo tempo
por um corpo e uma cabeça.
O corpo ele pode beijar, cheirar,
fazer do corpo mulher.
Mas a cabeça o possui, manipula,
e faz dele o que quer!
Haja o que houver, do meu amor
esse garoto foi o rei.
Digam a ele que com corpo e cabeça
eu sempre o amarei.
A marca desta lágrima testemunha
que eu o amei perdidamente.
Em suas mãos depus a minha vida
e me entreguei completamente.
Assinei com minhas lágrimas
cada verso que lhe dei,
como se fossem confetes
de um carnaval que não brinquei.
Mas a cabeça apaixonada delirou
foi farsante, vigarista, mascarada,
foi amante, entregando-lhe outra amada,
foi covarde que amando nunca amou!*

A noite já caíra completamente quando Isabel voltou para casa. Enfiara a última carta por baixo da porta do apartamento de Cristiano. Agora, ela estava pronta.

O frio do começo de noite era cortante, e a menina apertou-se dentro da malhinha leve demais, apressando o passo em meio às sombras da rua mal-iluminada.

Mas uma das sombras não cedeu ao seu passo. Destacou-se, ao contrário, das outras e agarrou Isabel pelos braços.

— O quê?!

— Calada, menina. Não vai acontecer nada...

Gelada de surpresa e pavor, Isabel reconheceu o apertão, mesmo antes de erguer os olhos e deparar com aquela carranca assustadora:

— Brucutu!

E não era um sonho. E não viria um cavaleiro enlatado, de espada de prata, disposto a defender-lhe a honra. Aquela era apenas a realidade. Da qual nunca se acorda.

— Quietinha... Isso é só um aviso...

A cara brutal abria-se num esgar que pretendia ser um sorriso, enquanto as mãos enormes cravaram os dedos nos bracinhos de Isabel, no limite de quebrá-los como a um graveto.

— Um aviso, mocinha: tem gente que acha que viu coisas. Mas, vai ver, não viu nada, só quer causar confusão. E essa confusão pode prejudicar pessoas. Não é isso que você quer, é? Claro que não quer... Senão, o causador da confusão pode ficar muito mais prejudicado ainda, sabe? Pode até deixar de ver qualquer coisa... para sempre! Juízo... estou só avisando... Juízo! Senão...

Um carro entrou na rua cantando os pneus e jogou a luz dos faróis sobre os dois. Isabel sentiu-se empurrada e bateu contra um muro enquanto o agressor se encolhia. Em um instante, estava novamente sozinha.

Andou calmamente até sua casa. Não estava apavorada. Mas o ataque de Brucutu tinha significado muito mais que uma ameaça de morte. Significava que ela era mesmo uma testemunha importante. Alguém que podia desmascarar o assassino da diretora. Alguém que sabia demais. Alguém que tinha de morrer.

A mãe não estava em casa. Era a noite de jogar buraco com as amigas. Ultimamente, ela se enfeitava tanto para aquelas noites que, se Isabel não estivesse tão ocupada com o que tinha a fazer, pensaria que naquele jogo havia só um parceiro.

— Fernando também corre perigo. Precisa ser avisado.

O telefone tocou demais, mas Fernando não estava em casa. Tentou a livraria. Deixou recado.

— E agora? Adianta ligar para a polícia? Com quem eu falo? Vão dizer que estou louca...

Olhou para a janela fechada. Por um momento, pensou perceber o vulto enorme de Brucutu do outro lado dos batentes, pronto a estraçalhar a murros a veneziana.

— Pode vir, Brucutu. Eu não vou ter juízo.

Nem pensou em tentar localizar a mãe. Muito menos o pai. Quem, então? Quem acreditaria nela? Quem daria importância às fantasias malucas da menina sonhadora, metida a poeta?

— A professora Olga! É isso!

A professora de filosofia era a mais jovem da escola. Uma das poucas a quem os alunos chamavam de você. Certamente não por ser jovem, mas por ser a mais amiga dos alunos. A mais jovem, a mais amiga e uma das mais brilhantes do corpo docente. Olga acabara de defender brilhantemente uma tese de doutoramento em psicologia, na faculdade. Alguma coisa sobre educação por indução subliminar. A professora até já tinha conversado com a classe de Isabel sobre suas idéias e (naturalmente!) a menina discutira essas idéias, pois não podia aceitar isso de educar alguém por indução subliminar. Um método de enfiar idéias à força na cabeça dos alunos, sem compreensão nem aceitação. Uma traição pura ao direito de pensar e de escolher livremente. Pura traição. Algo com que Isabel nunca concordaria. Mas Olga era maravilhosa. Era um charme. E apoiava as discordâncias com entusiasmo. Mesmo que fossem contra ela mesma.

Não foi fácil descobrir o telefone da professora mas, com um pouco de jeito, a secretária da escola cedeu e informou o número a Isabel.

— Alô.

— Olga? Sou eu, Isabel. Sua aluna. Lembra?

— Isabel? Claro que sim. A minha contestadora predileta e a minha companheira na descoberta de cadáveres. Oi, querida. Queria falar comigo?

— Eu preciso falar com alguém, Olga. E tem de ser você.

— Bom, se é sobre a prova da semana que vem...

— Não é prova nenhuma, Olga. É sobre o assassinato da dona Albertina...

— Assassinato? Você disse assassinato?

— É isso mesmo. Desde o primeiro momento eu não acreditei que aquilo fosse suicídio. Só que eu não ia falar nada. Mas o Brucutu...

— O Brucutu? O que tem o Brucutu?

— Ele me atacou, Olga. Há alguns minutos. Me ameaçou...

— O Brucutu? Mas por quê?

— Eu acho que sei de uma coisa, Olga. Eu acho que sou uma testemunha.

— Todos nós somos, Isabel. Eu, você, o Brucutu e o Fernando. Nós entramos juntos na diretoria, lembra?

— Não é só isso. Eu acho que testemunhei outra coisa...

— Fique calma, minha querida. Assim, por telefone, não dá para conversar. Onde você está?

— Estou em casa. Estou sozinha. Minha mãe saiu.

— Onde você mora? Pego o carro e chego aí num instante...

15 — Eu nunca te amei...

Brucutu poderia muito bem ter voltado. Poderia muito bem estar agora em volta da casa, pronto para cumprir as ameaças.

— Juízo! — disse ele.

— Juízo! — repetia o inimigo rachado, mais cruel que de costume. — Ah, o juízo de Isabel! Ah, a paixão de Isabel! Ah, o amor de Isabel! Juízo...

— Esse juízo eu já perdi junto com o amor que nunca terei...

— Você perdeu foi a vontade de lutar. De lutar por aquilo que você quer.

— Ah, Cristiano, Cristiano... será que tudo que tenho feito não foi lutar por ele?

— Você luta pela vitória de outro exército. O exército de Rosana.

— É o único exército que tem alguma chance. O meu não pode ganhar nenhuma batalha...

— O que tem o seu que os outros não têm?

— Rosana é linda! E eu sou feia!

— Ninguém, nunca, lhe disse isso.

— E que eu sou linda? Alguém disse?

— Fernando diz isso, o tempo todo. *Mostra* isso, o tempo todo.

— Mas Cristiano...

— Cristiano disse, na noite da festa.

— Aquela noite... Ah, se aquela noite nunca tivesse acontecido! Ah, se eu nunca tivesse conhecido aquele anjo! Ah, se aquela correntinha nunca tivesse roçado o meu rosto! Ah, se a sombra da noite não tivesse disfarçado a feiúra da bêbada gorducha caída na grama do jardim! Ah, se eu pudesse esquecer aquele beijo! Ah, se eu não fosse tão feia!

— Ninguém, nunca, lhe disse isso também.

— *Eu digo! Você diz!*

— Ninguém diz nada para você. Não adianta. Você nunca ouve.

— Eu vejo, eu sinto, eu amo!

- Sim, mas o que você *faz* consigo mesma?
— O que eu tenho de fazer, eu *vou* fazer. Esta noite.

*Da morte não sei o dia,
mas posso saber!*

Aos poucos, frase a frase, Isabel estava transtornada, como se tivesse discutido por horas com a mais teimosa das criaturas.

— E você... você será minha testemunha.

— Eu sou sempre sua testemunha.

— Primeiro tenho de testemunhar outra morte. A primeira morte real que chegou perto de mim. A morte feia. A morte grotesca. O assassinato covarde de uma mulher que sabia rir. Acho que eu devo isso a ela. Alguém a empurrou para a morte. Ela não escolheu.

— E você?

— Ninguém escolhe por mim.

— Brucutu pode escolher...

Brucutu! Isabel imaginou aquelas mãos enormes agarrando, apertando, estraçalhando. Lembrou-se do sonho, do pesadelo, da dor, da nudez, da espada ensangüentada, da brutalidade. Que outro método usaria Brucutu para matar? Linamarina? Um fino pó branco colocado em um envelope plástico? Não. Sem sangue, sem carnes dilaceradas nem ossos esmigalhados não seria uma ação de Brucutu.

— Ninguém escolhe o meu caminho. Ninguém escolhe a minha hora. Aqui está a minha escolha!

Na palma da mão esquerda, o pequeno frasco de comprimidos.

— Isabel...

Na mão direita, a escova de cabelo começou a trabalhar. A demolir. Metodicamente, Isabel golpeou o inimigo uma, duas, dez vezes.

— Adeus! Vamos embora. Vamos juntos.

— Isabel! Abra!

A campainha tocou com insistência. Depois, batidas frenéticas à porta da frente despertaram parte da consciência de Isabel.— Já vou, Brucutu. Já estou indo!

— Sou eu, Isabel. Abra! Eu trouxe a polícia!

Espalhadas pela pia e pelo chão de ladrilhos, milhões de imagens de Isabel. O inimigo se multiplicara ao infinito.

Foi uma Isabel diferente que abriu a porta. Uma mulher. Por fora, calma, adulta, controlada.

A professora entrou apressada e abraçou a menina com o carinho de uma irmã mais velha.

— Trouxe a polícia comigo, Isabel. Podemos entrar?

Isabel hesitou. Não esperava aquela mulher com a polícia. Atrás da professora, entrou o mesmo investigador nervoso que cuidara do interrogatório no colégio. Como era mesmo o nome dele?

Isabel apontou o sofá da sala para os dois, como uma perfeita dona-de-casa que estivesse recebendo convidados para o chá.

— Algumas perguntas eu deixei de fazer daquela vez, na diretoria, Isabel — começou o investigador, sem perder tempo. — E eu sei que também houve muitas respostas que você deixou de dar. Você é menor de idade, e eu não posso chamá-la oficialmente para depor, se você não quiser. Mas, agora, que tal colocarmos essas perguntas e essas respostas em dia?

Isabel hesitou novamente. Mas, depois do ataque de Brucutu, ela estava convencida de que precisava falar tudo o que sabia. O medo do que Brucutu pudesse fazer não contava. Ela *devia* falar. E ninguém melhor para ouvir do que a polícia.

A professora tirou um pacote de bombons da bolsa.

— Alguém quer um bombom?

— Obrigado.

— Não, obrigada.

— Eu é que estou nervosa por você, Isabel. Estou deixando de fumar e comendo doces para distrair a vontade. Um pouco de açúcar é o melhor relaxante que existe. Assim, eu me livro do câncer nos pulmões e estouro de engordar!

Ninguém achou graça. Ela deixou o saco de bombons na mesinha, em frente ao sofá, e ficou mordiscando um deles.

Conscientemente, claramente, como se cumprisse uma missão, Isabel começou a falar. Deixou de lado o triste diálogo com Cristiano, mas descreveu a visita ao laboratório naquela primeira manhã de aulas. Disse da penumbra, da falta de óculos, do vulto de avental, do frasco de linamarina, até das lágrimas.

— Você estava chorando? Por quê?

— Nada, é que... eu tinha tirado um zero em redação...

— Você?! — sorriu a professora, que a conhecia muito bem. — *Você* tirar um zero em redação?

Em seguida, Isabel falou da conversa com Fernando na pracinha e da suspeita de que Brucutu os estivesse ouvindo às escondidas. Depois contou do ataque na rua. Da ameaça de morte. De Brucutu.

— Então tudo se ajusta — comentou a professora, lambendo a pontinha do dedo suja de chocolate. — Brucutu é o culpado. Foi ele quem você viu no laboratório.

Isabel sacudiu firmemente a cabeça.

— Não, não podia ser ele. Mesmo sem óculos, eu reconheceria facilmente aquela figura enorme. Não era ele. Era alguém muito menor.

— Coitadinha... Você passou por uma boa, não foi?

— Você fez muito mal em não me contar tudo o que sabia, na primeira vez, Isabel — censurou o investigador.

— O senhor acha que eu deveria falar tudo ali, na frente de todos, até do Brucutu?

— Está bem. Talvez você tenha feito bem em não falar na frente do Brucutu. Mas você poderia ter me procurado depois. Não é por você ser menor de idade que eu não daria atenção ao que você tinha a dizer. Às vezes, um pequeno detalhe é a última peça que falta para fechar o quebra-cabeça.

— Estou falando agora. Disse tudo o que tinha a dizer.

— De qualquer modo, a ameaça de Brucutu contra você é suficiente para envolvê-lo no caso até o pescoço.

O investigador pegou o telefone e ligou para a delegacia. Do outro lado da linha, alguém recebeu a ordem para que se iniciasse uma caçada a Brucutu.

— Suspeita de homicídio... Um elemento potencialmente violento...

Desligou o telefone e voltou-se para Isabel.

— O vulto que você viu estava de guarda-pó, não estava?

— Estava. De avental branco.

— Isso aponta para algum professor — raciocinou o investigador.

— Pode ser...

— Você poderia me ajudar mais, Isabel. Vamos tentar um jogo.

Pense em todos os professores da escola. Um por um.

— Um por um?

— Sei que você estava nervosa, naquela manhã. Sei que viu pouco, por causa do escuro, das lágrimas e por estar sem óculos. Mas o pouco que você viu pode encaixar-se ou não no porte físico dos professores que você conhece muito bem. Se você se concentrar, poderá eliminar muitos, como fez com dona Albertina e com Brucutu, por serem, ambos, grandes demais. Assim, eu poderia ter uma lista menor de suspeitos a investigar.

Isabel não respondeu. Já tinha dito tudo. Da morte da diretora já tinha cuidado. O resto era com a polícia.

A professora levantou-se bruscamente.

— Ah, não! Chega de atormentar a pobrezinha. Ela já passou por muitos apertos hoje. Agora, precisa descansar. É hora de irmos embora. Deixemos as tais comparações e eliminações para amanhã. Trate de dormir, minha querida. Amanhã, tudo parecerá mais cor-de-rosa.

O investigador concordou.

— Está bem. Descanse sossegada, Isabel. Vou deixar um policial aqui em frente, na rua, a noite toda. Você estará perfeitamente segura.

Isabel fechou a porta atrás dos dois. Agora, estava sozinha, com seu último dever cumprido. Colocou um disco na vitrola e estendeu-se no sofá, embalada por uma canção suave, que falava em desalento, em solidão, em amores perdidos.

Sobre a mesinha, o pacote de bombons tinha sido esquecido, com um último, solitário, bombom dentro dele.

Isabel ainda não tinha jantado. Aliás, nem tinha almoçado naquele dia.

Pegou o bombom.

O telefone precisou tocar três vezes para arrancar Isabel do agradável torpor que aos poucos tomava conta de todo o seu corpo.

— Alô...

— Isabel?

— Cristiano... É você...

— Eu preciso de você, prima.

— Eu também preciso muito de você, Cristiano...

— Primitiva, ouça: Rosana deixou uma carta aqui em casa que... sei lá! Nem sei como explicar. Quando eu me encontrar com ela amanhã, nem sei o que falar...

— Você não gostou do poema?

— Não é isso. É que... Ei, como você sabe que é um poema?

— É fácil adivinhar, Cristiano. Rosana sempre manda poemas para você, não é?

— Só que desta vez... é um poema estranho...

— Estranho...

— Eu queria que você me explicasse o que Rosana quis dizer com isso. Eu não estou entendendo nada...

— Ah, Cristiano...

— Eu vou ler para você, prima. Quem sabe, até amanhã, você me prepara uma resposta?

— Até amanhã...

— Ouça, Isabel.

Cristiano começou a ler o poema, pausadamente, com a voz insegura. Do outro lado, estendida no sofá, Isabel acompanhava cada sílaba, cada verso, de olhos fechados, sem um som, mas pronunciando tudo para dentro de si mesma.

—...a cabeça o possui, manipula, e faz dele o que quer!

— Bonito, Cristiano...

—... haja o que houver, do meu amor esse garoto foi o rei... O que ela quis dizer com *foi o rei?*

— Continue, continue...

—... a marca desta lágrima testemunha que eu o amei perdidamente...

—... perdidamente...

—... assinei com minhas lágrimas...

—... com *minhas* lágrimas...

—... mas a cabeça apaixonada delirou...

Embalada pela voz do seu amado, Isabel agarrou seus próprios versos e declamou, esquecendo-se dos segredos e das promessas:

—... foi farsante, vigarista, mascarada, foi amante, entregando-lhe outra amada, foi covarde que amando nunca amou!

Durante um segundo de surpresa, Cristiano emudeceu do outro lado. E foi quase com um grito que a compreensão de todos aqueles enganos veio à tona:

— Como? Como você conhece este poema? Acabei de encontrar debaixo da porta!

Apesar da tontura, Isabel percebeu o que fizera. Desorientada, tentou consertar o erro:

— Eu... eu não conheço...

— Você sabe de cor o poema! Você...

— Não, não é isso, Cristiano... Rosana me mostrou. Ela...

— Você sabe!

— Não, Cristiano, eu não sei de nada...

— Essa voz... Aquela tarde, ao telefone... Isabel! Era você!

— Não, não, Cristiano, não era eu...

— As cartas, os poemas, o tempo todo! Era você, Isabel!

— Não, não...

— Como eu fui ingênuo! Pedi a você que respondesse suas próprias cartas! Todo aquele amor, toda aquela paixão, era você!

— Não era eu, não era eu... era Rosana...

— O tempo todo era você! O tempo todo eu a amei através das cartas, pensando que eram de Rosana!

— Eram de Rosana... de Rosana...

— O tempo todo você me amou, Isabel! Esse tempo todo!

— Não, não...

— Você me amou, Isabel!

— Não, meu amor, eu nunca te amei!

— Isabel, minha querida! Eu sempre te amei pelas tuas cartas, pelos teus poemas. Era você, Isabel! *É* você, meu amor!

As palavras de Cristiano ressoavam longínquas dentro da cabeça de Isabel, que mergulhava cada vez mais num torpor de ausência, mas agora leve, gostoso, cheio de todas as palavras que ela tanto ansiara ouvir.

— Cristiano...

— Isabel!

— Tarde demais... tudo tão lindo... mas tarde demais...

— Isabel! Eu não consigo ouvi-la direito...

— Estou tão tonta, Cristiano... sono... amor... tão tonta... tão lindo... tão tarde... eu...

— Isabel! Isabel! Fale comigo! Isabel! Responda! Do outro lado da linha, só o silêncio.

— Isabel! Não me deixe! Isabel! Vou correndo para aí! Me espere! Meu amor, espere por mim!

16 — Não há salvação!

Lentamente, o fone tornou-se pesado demais para os dedos de Isabel, que se abriram, deixando rolar pelo tapete a voz desesperada de Cristiano.

O torpor inebriante tomou conta de todo o seu corpo. Mas a mente permaneceu lúcida. Encerrada dentro de si mesma pelos olhos que nada mais percebiam do exterior, navegando docemente através das palavras maravilhosas que nunca esperara ouvir dos lábios de Cristiano, Isabel repassou todos os acontecimentos daqueles dias de loucura.

"Tarde demais... Cristiano, meu amor... você está vindo para cá... tarde demais. Eu esperei tanto... Tudo tão lindo e tão tarde... Cristiano, meus braços estiveram à sua espera todo esse tempo, e agora não são mais capazes de abraçá-lo... Tarde demais..."

Como se viessem do outro lado do planeta, batidas violentas na porta penetraram os ouvidos de Isabel.

"Tarde demais... Cristiano... Como você vai me encontrar? Como a Bela Adormecida? Cem anos à espera do beijo do príncipe? Você beijaria o meu cadáver daqui a cem anos, Cristiano? De que jeito você vai me encontrar? Como a dona Albertina? Feia, grotesca, obesa, esbugalhada, arregaçada, com um envelope cheio de veneno ao lado? Ou como a Branca de Neve, numa urna de cristal, envenenada pela maçã?"

Ela teria deixado a porta destrancada? Ou algum invasor a arrombara? Sentia alguém a seu lado, alguém que a tocava. Falava com ela, talvez? Cristiano! Lábios quentes colaram-se delicadamente aos seus, como a soprar-lhe a vida que fugia, e uma carícia leve, metálica, arrastou-se por seu pescoço. A correntinha! Cristiano... O primeiro e o último beijo, sempre com Isabel caída, largada como um fardo, sobre a grama ou sobre o sofá... como um cadáver...

"Cristiano... tarde demais... meu príncipe! Tarde demais... A maçã da bruxa estava envenenada... maçã envenenada... linamarina na maçã... linamarina no bombom... bombom envenenado... É isso! Por que não pensei nisso antes? O veneno estava no bombom! No bombom! *Não havia* nenhum envelope plástico ao lado da mão da diretora quando eu encontrei o cadáver. *Não havia*, eu me lembro! Eu vi aquela mão gorda, foi a primeira coisa que vi. Não havia envelope nenhum! Mas havia o papel de bombom, em cima da mesa... Depois, o papel de bombom desapareceu e surgiu um envelope com veneno ao lado do corpo. Quem pôs? Quem tirou? Brucutu! Não! Brucutu, não. Fernando mesmo disse que Brucutu ficou agarrado no braço dele, na entrada da sala, o tempo todo. Brucutu só nos arrastou para a diretoria para que houvesse duas testemunhas inocentes, insuspeitas, na hora da descoberta do cadáver. É claro! Por que ele estava com a chave mestra? Coincidência? Ele era apenas o cúmplice, encarregado dos trabalhos de apoio. Então... o ator principal era... era a professora Olga! Olga! Ah, por que eu não vi isso antes? Estava tudo na minha frente. Não vi porque não mais nada na minha cabeça, além dele. DELE! De você, meu amor! Você está aí? Está me ouvindo? Ai, eu não consigo falar! Mas alguém tem de me ouvir. Era Olga. No laboratório, a figura de avental. Era Olga! Meu amor, tente me ouvir, eu não tenho forças para falar... Tarde demais... Educação por indução subliminar... Educação forçada! Usar os próprios anseios de alguém para levá-lo a fazer até o que não quer. É isso. O bombom envenenado! Foi só deixar um bombom envenenado em cima da mesa onde dona Albertina passaria a noite trabalhando. Fechada naquela sala, sozinha, com sua necessidade de emagrecer, com sua fome que aumentava a cada minuto, e com um bombom... Qual dos dois lados de sua vontade venceria? A decisão de emagrecer? Ou a gulodice de toda a sua vida? A professora Olga... Olga sabia qual o lado vencedor. O crime perfeito! O crime a portas fechadas! Depois, foi só sumir com o papel de bombom e deixar cair o envelope com

veneno ao lado do corpo. Tudo perfeito... na minha frente! Alguém! Procure me entender! Eu sei! Foi Olga!"

Como em um disco fora de rotação, Isabel conseguia distinguir vozes e movimentos agitados a sua volta, mãos que a seguravam, agulhas que a espetavam...

— Tragam a maçã!

— Segurem com cuidado...

— É melhor apertar a correia...

— Salvem-na, por favor! Ela é tudo para mim!

"Foi Olga! Estão ouvindo? Ai, eu não consigo falar... Foi Olga! O bombom envenenado, a linamarina, foi Olga! Foi..."

O entorpecimento tomara conta de todo o seu corpo e as peças todas daquele quebra-cabeça imenso espalhavam-se desordenadamente por entre as células de seu cérebro. Apesar da tontura, tudo agora parecia fazer sentido, parecia encaixar-se. Mas, subitamente, a forma de montar o quebra-cabeça mudou, e uma nova consciência, terrível, macabra, surgiu como um pesadelo que antecede a morte:

"Não! Não é nada disso! Não! Não *foi* nada disso... As impressões digitais! Quem teve a chance de colocar as impressões digitais de dona Albertina no envelope de veneno? Foi ela! Só ela! Meu Deus! O bombom envenenado! Não é um só. São dois! O bombom! O bombom deixado sobre a mesinha... um bombom só, preparado para *eu* comer! Preparado com linamarina! Um bombom para a menina gorda, que não havia almoçado nem jantado... Ela disse que comia bom-bons porque estava deixando de fumar... Comeu os bombons normais e deixou um só no saquinho. Envenenado! Com linamarina! Com cianureto!"

Sentiu-se sacudir, carregada. Quase nada mais percebia do exterior. Um toldo negro cada vez mais a envolvia corpo uma mortalha.

Bem perto dela, alguém falava nervoso e baixinho, mas as palavras perdiam-se no precipício da inconsciência que chegava.

—... não sei... intoxicação... envenenamento... se foi cianureto... não há salvação...

A mente de Isabel desligou-se do mundo.

— Calma, rapaz, estamos fazendo o possível...

— Faça o impossível, doutor! Salve Isabel!

— Me disseram que essa menina é um gênio...

— Não me importa o gênio, doutor. Eu quero essa menina! Eu quero essa menina viva!

Sou professora da menina, doutor. Qual o diagnóstico? Ainda não sabemos qual a substância tóxica... E qual o prognóstico? Ela viverá? Confie em nós, professora Olga...

— Doutor, esse rapaz se recusa a sair do hospital. Disse que vai ficar aqui a noite toda. Na sala de espera. Acordado...

— Deixe-o ficar, enfermeira. Deixe-o ficar...

— Mas o regulamento...

— Então faça de conta que não viu. Eu também já fui jovem, enfermeira. Eu também já me apaixonei. Como esse rapaz. Sei o que ele está sentindo...

"Eu estou no laboratório? Está escuro, como no laboratório... eu estou sem óculos... como no laboratório... Cristiano virá? Vai dizer que ama Rosana? Não! Ele disse que ama a mim! Isabel! Eu não quero morrer... Não me deixem morrer... Agora não! Cristiano, me ajude! Você disse que me ama, disse que ama o que eu escrevi... Então venha me buscar... Me tire do laboratório, me tire do escuro... Eu já morri, Cristiano? Já estou na urna de cristal? Onde está o meu beijo, meu príncipe? O beijo da grama, o beijo do sofá. o beijo da vida... Me devolva a vida, meu amor, para que eu possa dá-la de volta, inteirinha, a você..."

O horário de visitas no hospital já havia terminado, mas a mulher conseguiu esgueirar-se sem ser percebida e entrou na sala dos médicos.

Havia apenas um deles, dormindo como um santo e roncando como um porco, perfeitamente preparado para o plantão da noite.

A mulher apanhou um avental de médico, vestiu-o, retirou cuidadosamente o estetoscópio pendurado no médico adormecido, colocou-o no próprio pescoço e saiu sem um ruído.

"Está frio... eu estou no laboratório? Cristiano não virá... eu não vou chorar... eu não posso chorar... o vulto de branco vem aí... vai mexer na linamarina... quer me dar o bombom envenenado... eu preciso saber quem é... preciso enxergar através das lágrimas... a lágrima pingou sobre a carta para Cristiano... marcou a carta... Cristiano vai descobrir que sou eu... Não, Cristiano, não diga que ama Rosana... não me faça chorar, senão eu não vou reconhecer o vulto de branco... Está frio no laboratório... a aranha está com frio... Onde está a aranha? Onde está a cobra? Estão presas! Na urna de cristal! Junto com o cadáver de Isabel! Estão mortas, com Isabel! Socorro, Cristiano..."

— Onde está a ficha da paciente do 412?

— Está aqui, doutora...

— Quero ver.

A encarregada do andar entregou a prancheta à mulher. Estava tudo anotado. A substância tóxica já havia sido descoberta. Ela leu o que precisava e jogou a prancheta sobre o balcão.

Pegou o elevador até o subsolo, onde ficava a farmácia do hospital.

— Boa noite, doutora... — cumprimentou o sonolento atendente.

A mulher perguntou de um medicamento, um nome inventado na hora, algo bem complicado.

— Hum... não sei, doutora. Posso verificar na lista.

— Pois verifique.

— Deixe ver... não, não temos esse medicamento em estoque, doutora.

— Veja na administração se há algum pedido de compra. Preciso do medicamento até amanhã.

— Um instante, doutora. Vou telefonar para a administração. Talvez o plantonista possa informar alguma coisa.

Enquanto o atendente discava, a mulher, às suas costas, percorreu as prateleiras. Foi rápido encontrar o que precisava. Quando o homem desligou, ela já pusera um pequeno frasco e uma seringa de injeção no bolso do avental.

— Desculpe, doutora, mas não há pedido de compra para esse medicamento.

— Droga de hospital! Está bem, eu me viro de outro jeito. Obrigada, assim mesmo.

— Às ordens, doutora.

"Cristiano me ama... me ama! Não quero morrer... não quero morrer... não sou dona Albertina... tenho só quatorze anos... não sou obesa... *tanto* assim eu não sou... Você me acha gorda, Cristiano? Você me acha feia? Esse frio... Meus pés estão frios... Estou na beira do lago? Do lago do sonho? Estou nua? Estou nua... O gigante! Estou vendo! O gigante voltou! Eu não tive juízo... Ele voltou para se vingar! Estou vendo! Ê Brucutu!"

Na porta do quarto 412 havia uma tabuletinha onde estava escrito VISITAS PROIBIDAS POR ORDEM MÉDICA. Mas, àquela hora da noite, ninguém ficava de plantão pelos corredores para fazer cumprir as ordens das tabuletinhas. Assim, a mulher de avental deslizou sem problemas pelo corredor e abriu a porta silenciosamente.

"Brucutu? Não, não é Brucutu... Onde estou? Aqui não é o laboratório da escola... Onde está a aranha? Onde está a cobra? Onde está o vulto de branco? O vulto de branco! Você!"

— Boa noite, Isabel. Como é? Está melhorzinha?

Apesar da escuridão quase total, Isabel reconheceu o vulto da professora, recortado contra o teto do quarto.

— Oh, vejo que você ainda está fraca! Mas isso vai passar. Sabe? Eu fiquei preocupada com a história do bombom. É... você me deixou preocupada. Ninguém sobrevive à linamarina. Ninguém sobrevive ao cianureto. Mas você não comeu o bombom, não é? É pena... Você poderia ter evitado tanta preocupação, tanto sofrimento...

Isabel tentou gritar, e a língua se enrolou, os músculos não responderam. Mas ela ouvia tudo, e enxergava o suficiente para aumentar o próprio terror.

— Você tem de admitir que foi uma grande idéia, não foi? Hein? Levar a polícia junto, na hora de cometer um crime! Hein? Oferecer o bombom envenenado nas barbas da polícia! Um lance de gênio, você tem de admitir. Mas você não comeu o bombom...

Naquele momento, quando Isabel havia recuperado todas as razões para viver, naquele momento em que ela havia finalmente conquistado o amor de Cristiano, a morte estava ali, de avental branco, falando suavemente, com ternura até.

— Você não comeu o bombom. E confundiu a todos, a mim e aos médicos, porque tomou alguma outra coisa. Que falta de juízo! Sabe que foi difícil tratá-la até se saber com certeza o que você tinha tomado? Por que você tomou o calmante da mamãe? Você queria morrer? Por quê, queridinha? Se queria morrer, devia ter comido o meu bombom. Eu o preparei com tanto carinho... Ou devia ter tomado mais do remédio da mamãe. Pelo jeito, você tomou tão pouco... Só serviu mesmo para deixar você tontinha desse jeito. E para deixar todos nós preocupados. Menina má!

Isabel tentava conseguir forças para alguma reação. Se conseguisse um grito, um só, no silêncio noturno daquele hospital, alguém viria socorrê-la. Mas todo o seu corpo permanecia paralisado, como um quase-morto, capaz apenas de ouvir... e de sentir medo.

— Você está me ouvindo, queridinha? É claro que está! Eu vejo pelo seu olhar que você está me ouvindo. Está com medo? Medo de quem? Do Brucutu? Não precisa mais ter medo do Brucutu. Ele está morto. Meu ajudante, meu único amigo de verdade naquela escola, e você me obrigou a matá-lo. É... foi você, não sabia? Pobre Brucutu! Foi ouvir seus mexericos com Fernando e me procurou, todo alvoroçado. Eu o aconselhei a ficar quieto, mas o pobrezinho resolveu ameaçar você. Aí, quando você falou da ameaça para mim e para o investigador, você me forçou a matá-lo. Ele acabaria facilmente preso e ia complicar ainda mais as coisas. Brucutu raciocinava pouco, mas sabia demais. Foi uma pena. Uma pena mesmo...

Calmamente, a professora rasgou a embalagem da seringa de injeção. Espetou a agulha na borrachinha do frasco e fez a seringa aspirar o líquido.

— Os médicos já descobriram que tipo de calmante você tomou. Você está recebendo o tratamento certo. Que ótimo, não? Eu também acabei de saber o que você tomou. Foi *isto* aqui. Agora, tudo o que você precisa é da dose certa. Eu poderia injetar o remedinho nesse tubo que está levando soro aí, para as suas veias. Mas esse é um risco que você não quer que eu corra, não é? Alguém podia ter a infeliz idéia de analisar o tubo, e ia acabar encontrando traços do nosso remedinho, não é? Também não será bom deixar marcas de

injeção na sua pele. Por isso, vamos dar uma espetadinha no seu couro cabeludo. Mas não se preocupe. Não vai doer nada. E *quem* vai descobrir uma espetadinha no couro cabeludo? Tudo certo. Como este é o remedinho que você tomou, amanhã todos pensarão que o tratamento não foi aplicado a tempo, e tudo sairá bem. Chega de preocupações, você não acha?

Sentou-se à beira da cama, sorrindo como uma enfermeira dedicada. Na mão direita, trazia a seringa com a agulha voltada para cima. Com a esquerda, começou a acariciar docemente os cabelos de Isabel.

— Queridinha... Você será a terceira. Mas não vai me querer mal, vai? Acho que você também quer acabar logo com todos esses problemas, não é? A primeira foi dona Albertina. Tudo tão bem feito, tudo quase perfeito, se não fosse certa garotinha que gosta de causar confusões...

As carícias aumentavam de intensidade, feitas com as pontas dos dedos, como se a professora procurasse o ponto certo para a agulha.

— Dona Albertina... Eu tinha de matá-la. A grande diretora, a grande educadora, querida por todos! E eu? Sempre à sombra dela. A ela, todos admirando. De mim, todos rindo. De mim, todos sempre riram, desde o tempo em que fui professora de química. Você sabia que eu fui professora de química? A melhor de todas, mas os alunos riam de mim. Por causa dela. Agora, ninguém mais vai rir, porque ela está morta!

A mão parou de acariciar a cabeça de Isabel e afastou-lhe os cabelos, descobrindo o local escolhido.

— Ora, não é que eu esqueci o algodão com álcool? Mas não fique assustada. Eu sei aplicar injeção muito bem. Não há perigo de infeccionar. Morra, queridinha. Assim... quieta.

A espetada doeu pouco e, em um segundo, o torpor que Isabel conhecia tão bem voltou a circular em cada uma de suas veias. Aos poucos, o quarto ficou ainda mais escuro.

— Assim... menina boazinha...

A voz e o comportamento daquela mulher davam àquela cena macabra o clima respeitoso de uma missa negra.

De repente, como um sacrilégio, um ruído invadiu o quarto.

Já quase mergulhada no esquecimento, Isabel viu o rosto da professora, ainda sorrindo. Mas viu sangue. Sangue que brotava da cabeça da mulher, escorria por seu rosto e vinha empapar a camisola de Isabel.

E Isabel sentiu cair pesadamente sobre seu corpo o corpo inanimado da professora Virgínia, a vice-diretora da escola.

III — Paixão que ressuscita

17 — Eu sei que ele me ama...

Isabel estava muito fraca por fora, mas tinha a primavera por dentro, como todos os seus pássaros e borboletas azuis. A batalha dos médicos tinha sido terrível. Inconsciente, ela não percebera aquela batalha. Ela só vivera aquela batalha. E, por fim, sobrevivera a ela.

Sobrevivera como se tivesse acabado de nascer, com o humor e a alegria de alguém que, a custo, foi arrancado da morte. De alguém que, à frente, só vê felicidade sem barreiras.

O pai veio e, dessa vez, trouxe Helena (Ou seria Lúcia? Ou Cristina?). A mãe, agora que Isabel estava fora de perigo, tinha deixado o hospital para buscar algumas roupas, sempre com a certeza de que a filha passara por tudo aquilo só para agravar-lhe a enxaqueca.

Mesmo fraca e debilitada, em seu primeiro dia de plena consciência, Isabel portou-se mais como visita do que como doente, sorrindo sempre, brincando com voz alegre e transmitindo ânimo a quem se aproximasse de sua cama.

Duas batidinhas e entrou uma atendente, trazendo mais uma dose anônima de comprimidos.

— Bom dia, querida. Que bom ver a sua carinha animada desse jeito!

— Bom dia! Isso não é animação, isso é vida! Viver é lindo. Amar é lindo. Ser amada é mais lindo ainda!

— Nossa! Como está a nossa ressuscitadinha! Se todos os nossos doentes fossem como você, este hospital seria uma festa...

— Então vamos fazer uma festa. Precisamos animar este hospital!

— Você precisa é descansar sossegadinha para sair logo daqui. Todas as festas estão esperando por você lá fora.

— Eu dei muito trabalho, é?

— Se deu! Quando você chegou aqui, disseram que era envenenamento por cianureto. Naturalmente, isso não era possível, porque o cianureto mata em poucos segundos. Tinha sido um calmante, não é? Mas os médicos demoraram a descobrir o que era.

— Puxa, eu só tomei dois comprimidos!

— É, você teve uma forte reação. Às vezes acontece. Eu nunca confio nesses remédios. Eu trabalho aqui mas, quando estou nervosa, só tomo chá de erva-cidreira.

— Vou me lembrar disso, da próxima vez... — sorriu Isabel.

— O problema mesmo foi aquela professora louca. Ela injetou o mesmo calmante em você. Só que uma dose capaz de matar um cavalo! Se não fosse aquele rapaz...

— Cristiano...

— É esse o nome dele? Você tem sorte de ser tão amada por um garoto como ele. Ele arrebentou um frasco de sangue na cabeça da tal professora Virgínia, bem a tempo de...

Era a última recordação de Isabel: o sangue esguichando na cabeça da vice-diretora, escorrendo por todos os lados, empapando sua camisola.

— Deu até na televisão! Agora, aquela mulher maluca está toda costurada, lá na enfermaria da prisão. Se não fosse o seu garoto...

— Cristiano... ele me salvou a vida!

— Duas vezes! Foi ele quem encontrou você em casa, caída no sofá, e chamou a ambulância. Depois, ficou o tempo todo por aqui, pressionando os médicos, perguntando por você a toda hora, chorando...

— Chorando!

— Só arredou pé do hospital quando soube que você estava fora de perigo. Acho que foi em casa se arrumar para que você o veja bem bonitinho...

— Cristiano! Chorando por mim...

A atendente ajustou os travesseiros atrás de Isabel e preparou-se para sair.

— Você é uma garota de sorte, mas vai ter um probleminha para resolver.

— Um probleminha? Qual?

— Há outro garoto, não é? Apareceu aqui várias vezes, também desesperado, dizendo a todo mundo que ama você, que não pode viver sem você...

Uma sombra passou pelos olhos de Isabel.

— Esse é Fernando. Um rapaz maravilhoso. O melhor amigo que uma garota como eu poderia ter. Ah, se não fosse Cristiano...

— Então você já escolheu, é? Um dos dois vai sofrer.

A alegria da sobrevivente diminuiu um pouco. Por nada deste mundo ela gostaria que Fernando sofresse. Mas ela estava amarrada para sempre pelo beijo apaixonado no jardim, pelo beijo da vida no sofá, pelo roçar da correntinha...

— Ah, Fernando, você vai ter de me compreender...

— Ah, Fernando, que rosas lindas! Obrigada, você é mesmo um amor!

Isabel teria preferido que a primeira visita não fosse de Fernando. Mas agora o rapaz estava ali, cheio de rosas e esperança, e ela iria fazê-lo sofrer. Rosana também sofreria, mas o que fazer?

"É melhor um fim trágico do que uma tragédia sem fim", pensou ela pela segunda vez..

— Senhorita Ilusão... a professora Virgínia enganou a todos nós, não foi?

— Quase que eu pago com a vida por esse engano... E o próximo seria você. Ela sabia que eu tinha falado das minhas suspeitas com você.

— Ela não pararia mais. Pobre mulher louca! A polícia já conseguiu levantar todos os dados para encerrar o caso. Falei com o investigador. Virgínia era uma mulher brilhante, mas a loucura estava tomando conta dela. Foi por isso que dona Albertina morreu. As duas eram grandes amigas, e a diretora estava percebendo os sinais de desequilíbrio mental que a professora Virgínia começava a apresentar. Primeiro, para protegê-la, encostou-a no cargo de vice-diretora, sem nenhuma função prática. Por fim, parece que ela estava cuidando da internação da amiga em uma clínica psiquiátrica. Foi aí que os delírios de perseguição da professora Virgínia transformaram a amizade por dona Albertina em ódio...

— Que horror, Fernando!

— O estranho é que ela não perdeu a genialidade, apesar da loucura. Muita coisa ela falou à polícia, depois de presa. Ela imaginou que precisava de um cúmplice, se bem que poderia ter feito sozinha tudo o que fez. Brucutu só serviu para caçar você e eu no pátio, de modo que nossa presença inocente na hora da descoberta do cadáver fosse uma garantia de que dona Albertina morreria sozinha e fechada na diretoria. E para abrir a porta com a chave mestra, é claro. Por coincidência, a professora Olga apareceu também e Virgínia conseguiu uma testemunha a mais.

— Pobre Olga! E eu que cheguei a pensar.

— Mas deixe eu lhe contar o que fez Virgínia para envolver Brucutu. Ele estava com problemas de dinheiro e ela o convenceu a roubar certa quantia da gaveta de dona Albertina. Depois, disse a^ coitado que a diretora descobrira o roubo e que a única forma de livrá-lo da prisão seria matando-a. Só que dona Albertina jamais descobriria esse roubo, porque o roubo praticamente não aconteceu: a própria Virgínia tinha posto o dinheiro na gaveta para Brucutu roubar. O dinheiro era dela mesma!

— Genial! Com isso, Brucutu ficou nas mãos dela como um fantoche!

— Só que ele se apavorou quando ouviu nossa conversa na pracinha e resolveu ameaçar você. Aí, Virgínia ficou com medo que ele fosse preso e acabasse falando demais e o envenenou. Foi encontrado morto no quatinho onde morava, Com um papel de bombom ao lado...

— Coitado! Ele me assustava tanto, mas era apenas uma pobre vítima, como dona Albertina...

— Ou como você. Até o investigador ficou espantado com a ousadia da professora Virgínia. Ela o procurou e o convenceu a irem juntos à sua casa, pois *devia* haver alguma coisa que você sabia e não dissera no interrogatório. Uma idéia brilhante: quando você aparecesse morta, quem iria desconfiar que o veneno estava em um bombom oferecido a você na frente de um policial?

— Eu não esperava aqueles dois. Eu esperava que Olga chegasse...

— A professora Olga chegou um pouco depois, quase junto com a ambulância que foi buscar você.

— Eu nem desconfiei quando Virgínia deixou o bombom sobre a mesa. Ela comeu todos os outros do saquinho... Quem havia de desconfiar que justo aquele último estivesse envenenado?

— Virgínia foi mesmo brilhante, Isabel. O plano para matar dona Albertina era perfeito. Ela usou o regime da nossa pobre diretora. Que pessoa obesa não comeria às escondidas um bombonzinho deixado sobre a mesa? Depois que nós descobrimos o corpo, ela ficou fazendo aquele papel de histérica até entrar sozinha na diretoria, pegar o papel de bombom e deixar o envelope com veneno ao lado do corpo, depois de pressionar os dedos de dona Albertina contra o envelope para marcar as impressões digitais. Sua única falha foi deixar o frasco do laboratório limpo de impressões, mas este era um risco a enfrentar, pois não seria possível trazer o frasco até à diretoria, pressionar os dedos da diretora contra ele e depois colocá-lo de volta no laboratório.

— Isso tudo eu descobri, Fernando. Um pouco tarde, mas acabei descobrindo. No começo, pensei que a culpada fosse Olga, por causa das teorias dela sobre educação por indução subliminar. Mas depois eu percebi que Olga poderia ter apanhado o papel de bombom e deixado cair o envelope com veneno, mas não teria a oportunidade de pressionar os dedos da diretora contra o envelope, na minha frente. A única que ficou a sós com a morta e teve essa oportunidade foi a professora Virgínia. Eu pensei nisso tudo enquanto estava desmaiando naquele sofá. Tentei desesperadamente falar, contar tudo, mas a voz não saía!

— Como *não saía*? Você falou pelos cotovelos. Não calou a boca um só minuto. Você deu todos, os detalhes necessários à compreensão exata do crime. O investigador ficou admiradíssimo com a sua capacidade de dedução. Disse que você é um gênio. Graças a você, a polícia já estava atrás da professora Virgínia antes que a ambulância chegasse ao hospital. Você falou do bombom, do regime, de tudo! Eu ouvi tudinho!

— Como? Você *também* estava lá?

— É claro que eu estava, meu amor. Recebi seu recado na livraria e fui correndo para a sua casa. Aliás, a professora Olga também estava ao seu lado enquanto você a acusava de assassina...

— Ai, que besteira que eu fiz!

— Ela estava cuidando de você. O policial que guardava a sua casa quase chegou a prendê-la. Mas aí você virou o jogo e começou a acusar Virgínia.

— Mas Cristiano...

— Cristiano? — cortou Fernando com um tom de voz bem mais seco. — Sim, ele também estava lá.

Levantou-se e ficou olhando pela janela do quarto, que dava para o jardim do hospital.

Isabel decidiu aproveitar a deixa e dizer o que tinha de ser dito, do modo mais rápido possível.

— Sabe, Fernando? Você é um grande amigo e eu quero que você saiba de uma coisa maravilhosa...

— Não sei se quero saber dessa coisa maravilhosa, Isabel...

— Eu quero que você saiba, Fernando. Eu estou apaixonada por Cristiano e agora eu sei que ele me ama...

— Eu sou a pessoa menos indicada para você dizer que ama outro, Isabel. Porque você sabe que eu te amo...

— Oh, Fernando, compreenda... O rapaz ainda olhava para fora.

— Eu sei, Isabel. Você falou o nome dele o tempo todo, durante o seu delírio. Em sua casa e aqui, no hospital. Mas, se você quer dizer que ama Cristiano, diga a ele mesmo. Ele vem aí, acabou de atravessar o jardim.

— Fernando, eu...

— Não se preocupe comigo, minha querida. Acho que chegou a hora de eu parar de insistir. Fique boa logo e seja muito feliz, meu amor...

Caminhou até à porta e voltou-se para Isabel, sorrindo, como se as palavras da menina não o tivessem ferido como punhais.

— Uma última pergunta, Isabel: por que você não comeu o bombom que a professora Virgínia deixou sobre a mesinha?

— Bombons engordam, Fernando. E eu estou de regime!

— Quer dizer... quer dizer que você não queria morrer?

— É claro que não! Pensa que eu sou idiota?

18 — Isso ninguém vai me tirar!

Ali, à sua frente, estava o garoto da sua vida. O garoto lindo como um deus, o garoto que ela havia ajudado a conquistar para a sua melhor amiga. O garoto por quem ela sofrerá mais do que imaginava poder agüentar. O garoto por quem derramara mais lágrimas do que pensava ser capaz de produzir.

Todo o sofrimento acabara, finalmente. Agora ele estava ali, amando-a como ela o havia amado em segredo, durante tanto tempo.

Havia, porém, alguma coisa que parecia não se encaixar perfeitamente. Se Isabel fechasse os olhos e deixasse vir à mente as recordações daquele beijo no jardim, quando se sentiu mulher pela primeira vez, e daquele beijo no sofá, quando sentiu quase morrer de amor, a paixão explodia dentro dela, como ela mesma havia escrito: um, dois, três, sangue! E, dentro do peito, seu coraçãozinho disparava como a corrida de um coelho em busca da cenoura.

De olhos abertos, o sonho não parecia o mesmo. Cristiano estava ali, lindo — ah, como ele era lindo! — amando-a, querendo-a... O que mais ela poderia desejar?

Cristiano ajoelhou-se no chão, ao lado da cama, e tomou a mão de Isabel.

— Meu amor, minha prima querida! Você sobreviveu para mim!

— Cristiano!

Por que ela se sentia assim? Por que não conseguia esquecer a expressão de derrota no rosto de Fernando? Remorso, talvez. Ela jamais teria querido magoar aquele amigo. Mas o que fazer?

— Ah, Isabel, eu sempre te amei e não sabia disso... Eu te amo e quase te perdi. Mas agora tudo vai ser diferente, não é, meu amor? Agora, só teremos felicidade pela frente...

— Felicidade sim, Cristiano...

— Eu não sei dizer as coisas certas, minha querida. Eu nunca soube. Mas eu sinto como qualquer outra pessoa. E você... *você* consegue dizer tudo direitinho como eu sinto! Eu fui um tolo. Nas cartas que você escreveu para Rosana estava eu, inteirinho lá. Nas cartas que você escreveu para mim, estava você, inteirinha, me amando... E eu não via!

— Cristiano, eu...

— Você vai ter de perdoar minha cegueira, minhas tolices... Eu nem sei como dizer agora quanto eu te amo. Acho que só digo o que sinto realmente quando você me dita as palavras... Quando eu digo o que você escreve, é como se eu dissesse realmente o que sinto!

Isabel olhou aquele rapaz bonito bem nos olhos. E sorriu.

— Você quer que eu lhe dite, neste momento, uma declaração de amor para mim mesma?

— Como, Isabel?

— Hum... deixe ver... poderia ser uma declaração arrebatada, como: meu amor por você, Isabel, é capaz de arrancar a lua de sua órbita! Ou submissa: eu me entrego a você — sou escravo do seu amor...

— Ora, Isabel...

— Pode também ser possessiva: com meus lábios, farei uma jaula de beijos para te aprisionar! Ou pode ser uma declaração ecológica: meu amor é um lago — venha banhar-se nele!

— Isabel, você está brincando comigo?

— Pode ser exagerada: beberei o mar, se você for o sal! Ou pretensiosa: minha paixão destrói a dor, constrói a esperança!

— Chega, Isabel!

— Chega sim, Cristiano. Chega de sofrer. Você pertence a Rosana. Amaram-se quando se viram e depois se deixaram perder em minhas mãos. Vocês dois viraram meus personagens. Chegou a hora de vocês se libertarem de mim e eu me libertar de vocês. Por acaso você deve se apaixonar pelo compositor se a música dele o ajuda a conquistar a namorada? Ou pelo pôr-do-sol, quando as cores criam o clima certo para que ela diga *sim*?

— Isabel, você não compreende...

— É verdade, Cristiano, eu custei a compreender. Compreender que eu sou uma artista. Uma artista que criou os dois lados de uma paixão que só existia na minha cabeça. Mas o amor de você e Rosana é real. Vocês se amam, *apesar* e não *por causa* das minhas palavras. Se não sabem se amar sem elas, amem-se calados!

— O que você está dizendo, Isabel?

— Ou façam como todo mundo e busque inspiração em qualquer poeta, em qualquer músico, em qualquer pôr-do-sol, em qualquer lua. De preferência, procurem um poeta que não tenha sido beijado por você em nenhum jardim e de quem você não tenha salvo a vida em nenhum sofá!

— Mas eu não...

— Deixe-me, Cristiano. Vá procurar Rosana. Eu sei que há uma grande verdade no meu amor por você. Uma verdade que não fui eu que escrevi. Uma verdade que foi escrita sem palavras, com um beijo, em um jardim de sonhos. Sei que jamais esquecerei aquele beijo, mas tenho de tentar. Devo minha vida a você. Duas vezes. Devo minha paixão a você. Para sempre. Mas eu não agüento mais. Tenho de esquecer o beijo. Tenho de esquecer você. Ou passar a vida tentando.

Cristiano não entendia nada. Levantou-se num repente e segurou a menina pelos ombros.

— Esqueça tudo isso, Isabel. Esqueça as cartas, esqueça tudo! O que importa é que nós dois nos amamos... Vamos começar tudo de novo, meu amor...

Debruçou-se sobre ela, com os lábios ávidos por beijá-la. Isabel desviou o rosto e, com as mãos, tentou afastar o rapaz.

— Não, Cristiano, por favor... eu não quero mais sofrer.

As mãos de Isabel espalmaram-se no peito de Cristiano. A camisa afastou-se, revelando o peito nu.

— Cristiano! A correntinha! Onde está a correntinha?

— Que correntinha, meu amor? Eu não uso correntinha... Isabel livrou-se do abraço e, a custo, levantou-se da cama.

— Você... você não usa correntinha!

— Por que deveria usar? De que está falando, Isabel? Eu não entendo...

— Pois agora *eu* entendo!

Com o corpo mal coberto pela minúscula camisola do hospital, tonta pelos restos do veneno que ainda circulava em suas veias, Isabel estava com o rosto em fogo.

— Eu vi tudo errado! Eu criei a fábula falsa! O beijo no jardim, não era você!

— No jardim? Que jardim?

— O beijo no sofá, não era você! O frasco de sangue, arrebatando-se neste quarto e me salvando da morte, não era você! A correntinha, não era você!

— Isabel, você enlouqueceu?

Como louca, Isabel ria. Às gargalhadas, cambaleando.

— Como eu fui cega! Só enxerguei a fábula que eu mesma estava criando! Eu não preciso esquecer aquele beijo, Cristiano. Eu disse que ninguém haveria de me tirar aquele beijo, e isso ninguém vai me tirar. Ele é meu!

Cambaleou tonta até à janela. Uma chuva miúda enregelava o jardim do hospital. E ela enxergou quem queria enxergar.

— Me espere, meu amor...

Arrastou-se como bêbada para a porta do quarto.

— Não, Isabel,! Você está muito fraca. Não pode sair da cama!

— Volte para Rosana, Cristiano. Ela o ama. Você a ama. Agora eu tenho de consertar todos os enganos que eu mesma criei. Tenho de encontrar a pessoa que me amou como eu sou, sem fábulas, sem versos, sem cartas, com todos os meus problemas e as minhas loucuras. Adeus, primo querido. Volte para Rosana!

Enfraquecida, seminua, abriu a porta e correu pelos corredores do hospital. Suas pernas mal obedeciam e o frio do pavimento penetrava-lhe as solas dos pés.

— Meu amor, espere por mim!

Livrou-se de um atendente que tentou detê-la e chegou vermelha, ardendo em febre, à porta do hospital.

No meio do jardim, um rapaz levantou o olhar para ela.

— Isabel!

— Fernando!

Tropeçando, escorregando, Isabel correu pelas alamedas molhadas do jardim em direção aos braços que a aguardavam.

A chuva colava sua camisolinha ao corpo quando Fernando a abraçou.

— Fernando, meu querido! Eu preciso dizer...

— Quietinha, meu amor! Você já falou demais...

E os lábios de Fernando procuraram a boquinha trêmula de Isabel, calando, com um beijo apaixonado, tudo aquilo que não mais precisava ser dito...

A chuva apertou, encharcando os dois, como se quisesse dissolvê-los em um só corpo, num abraço eterno...



AUTOR E OBRA

Cyrano de Bergerac! A história romântica do espadachim feio e narigudo que escreve cartas de amor para sua amada Roxane em nome do seu rival, o lindo Cristiano, me impressiona desde a adolescência, em Santos, onde nasci em 1942.

Em São Paulo, desde 1961, durante meus anos como ator de teatro, eu pensava na montagem da peça de Edmond Rostand, mas sentia que a linguagem rebuscada do autor impediria que toda a pujança do enredo fosse compreendida pelas platéias brasileiras. Desde então, a idéia de adaptar *Cyrano de Bergerac* me acompanhou.

Tornei-me um autor de histórias para jovens, como *A Droga da Obediência*, *De Piolho a Garrote e Ameaça de 7 cabeças*, e a correspondência com meus leitores e leitoras acabou por me convencer de que havia chegado a hora de escrever uma história de amor.

Decidi então que esta história de amor seria a adaptação moderna e brasileira de *Cyrano de Bergerac*. E o meu Cyrano transformou-se em Isabel, uma menina de 14 anos, criativa, inteligente, maravilhosa, mas cheia de problemas. A personagem cresceu, caminhou sozinha pelo papel, como se não precisasse de meus dedos a surrar as teclas da máquina.

Mas, enquanto eu escrevia *A marca de uma lágrima*, uma série de dúvidas não me saía da cabeça:

— O que estou fazendo? Pode uma menina de 14 anos apaixonar-se de verdade? Pode qualquer jovem de 13, 14 ou 15 anos amar verdadeiramente alguém? Como é a cabeça de um jovem dessa idade? Como são os sentimentos desses meus leitores? Serei eu capaz de penetrar e entender o coração dessa juventude?

Aí está *A marca de uma lágrima*. Nela, procurei pensar e compor poemas como se eu próprio fosse Isabel e estivesse apaixonado aos 14 anos. Só não consegui respostas às minhas próprias perguntas.

Pedro Bandeira